



Ministério do Turismo e Governo do Estado  
de São Paulo, por meio da Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa, Sustentidos  
Organização Social de Cultura e  
Conservatório de Tatui, apresentam.

ANOITE DE SÃO JOÃO



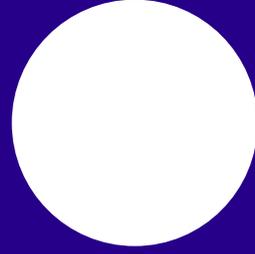
de

SÃO JOÃO

Elias Álvares Lobo

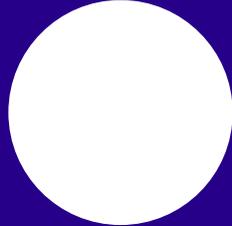
José de Alencar

ANOITE





ORQUESTRA SINFÔNICA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ  
CORO DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

AN  ITE  
de são joão

Elias Álvares Lobo

ÓPERA EM 1 ATO COM LIBRETO DE JOSÉ DE ALENCAR  
**Reconstituição e orquestração de Mateus Araujo**

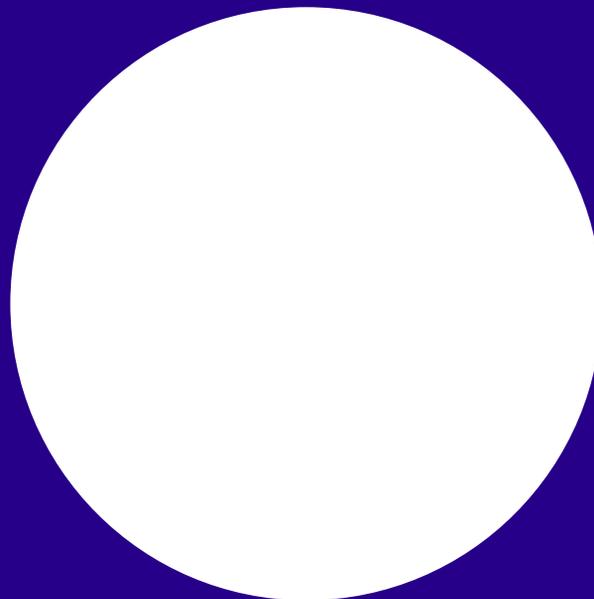
1ª REPRESENTAÇÃO: THEATRO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA,  
RIO DE JANEIRO (RJ), 14 DE DEZEMBRO DE 1860

1ª REAPRESENTAÇÃO: TEATRO PROCÓPIO FERREIRA,  
TATUÍ (SP), 6 E 7 DE DEZEMBRO DE 2022

**EMMANUELE BALDINI**  
Direção musical e regência

**MARCOS BALDINI**  
Direção do coro

**ROSANA MARRECO ORSINI BRESCIA**  
Direção cênica e direção de arte



**FLAVIA ALBANO**  
Inês

**CECÍLIA MASSA**  
Joana

**LUCIANO BOTELHO**  
Carlos

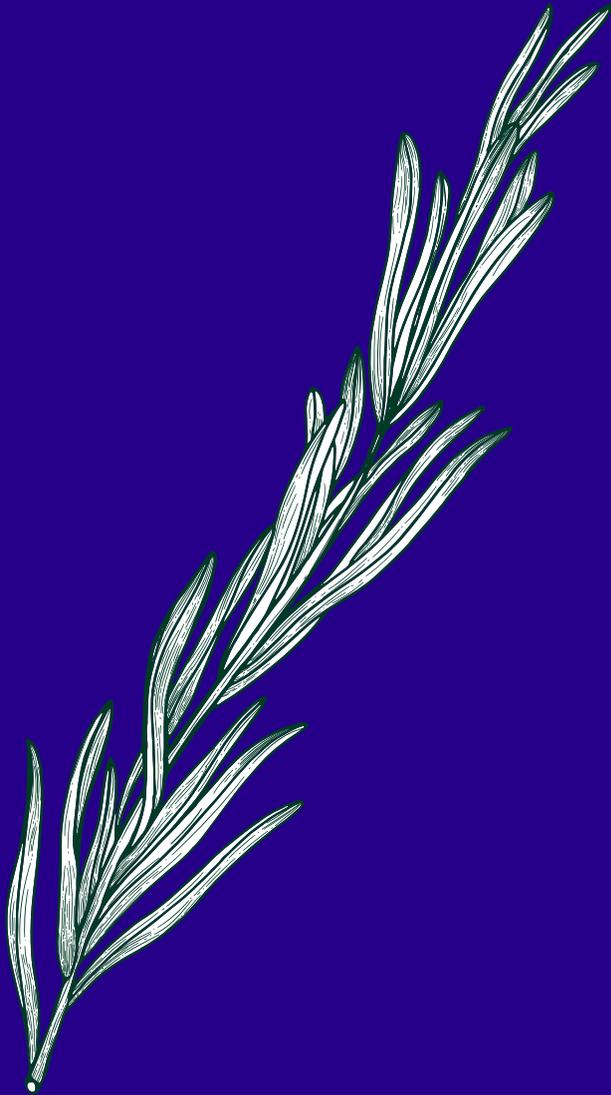
**ISAQUE OLIVEIRA**  
André

**GIORGIA MASSETANI**  
Cenografia

**MARCELO SOUZA**  
Desenho de luz

**ROSANA MARRECO ORSINI BRESCIA &  
CRISTIAN LOURENÇO**  
Figurinos

**ALINE BARBOSA MARCELO**  
Visagismo



## ÍNDICE

A NOITE DE SÃO JOÃO, 8  
SINOPSE, 11

APRESENTAÇÃO, 13  
A GÊNESE DE UM RESGATE, 15  
A ÓPERA E O BRASIL, 18  
A NOITE DE SÃO JOÃO ESTRELADA, 21  
A PRIMEIRA ÓPERA BRASILEIRA, 26

LIBRETO, 31

BIOGRAFIAS, 50  
FICHA TÉCNICA, 65

# A NOITE DE S. JOÃO\*

José de Alencar

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1857



O que ahi vai, não sei verdadeiramente o que é; chamei-lhe *opera comica*; outros dirão que não passa de uma collecção de máus versos, sem metrificação, sem harmonia.

Não importa. Se alguns dos nossos jovens compositores entenderem que isto merece as honras do theatro, a melodia da musica disfarçará a dissonancia da versificação.

Se me resolvi a publicar este trabalho incorrecto e feito ás pressas, foi unicamente para facilitar a leitura áquelles mesmos que o quizerem aproveitar; não tive outro fim, nem tenho outra aspiração senão dar aos talentos musicaes um pequeno thema para se desenvolverem.

Não espero nada de semelhante publicação; pois ninguem ignora que a poesia lyrica de uma opera fica inteiramente obscurecida pela musica.

Mery com o seu espirito já observou, á proposito de Rossini, que tanto peor, incorrecto e anti-grammatical era o verso, tanto mais sublime fôra a inspiração do genio.

Na Italia o poeta de operas, ou o fazedor de versos, é um empregado como o contra regra, o ponto, o pintor de vistas;

elle pertence ao machinismo do theatro; com a simples differença que exerce a sua arte sobre palavras, em quanto os outros a exercem sobre o scenario.

A' vista disto creio que não entrará na cabeça de ninguem pretender uma minima parcella de gloria escrevendo uma opera; isto é, a mais absurda, e a mais extravagante das composições dramaticas, a que só a musica com o seu magico poder anima e dá vida.

Ao contrario, fazer uma opera deve ser, e é para um homem que tenha um pouco de gosto litterario, um sacrificio; sacrificio de tempo, sacrificio de idéa, sacrificio de personalidade; porque nesse genero de drama é muitas vezes preciso que o pensamento do autor se modifique, para subordinar-se á inspiração do professor.

Entretanto é mister que aquelles que amão a musica fação esse sacrificio; outros, segundo me consta, já derão o exemplo; seja-me permittido pois apresentar tambem a minha pequena offrenda no templo das artes.

Agora duas palavras sobre o motivo e a idéa desta composição.

O enredo é o que ha de mais simples e de mais natural naquelles tempos

\*Texto com grafia e grifos originaes do autor

de boas crenças, que já lá vão. E' uma lenda muito conhecida sobre a noite de S. João.

Em Portugal a flôr sibylina era a alcachofra, tão cantada por Garret e pelos outros poetas portuguezes; mas a crença popular lá e aqui no Brasil dava a mesma virtude á outras plantas, sobretudo ao alecrim, talvez pela facilidade de transplantar-se por galho, o que fazia que a sorte agradasse á todos.

Póde ser que notem alguns muita innocencia e muita ingenuidade no amor que fórma a pequena acção desta opera; mas se reflectirem que a scena se passa em 1805 no Rio de Janeiro, então colonia, em época de abusões, de prejuizos, de crenças e de tradições profundas, ainda não destruidas pela civilisação, de certo não estranharão como defeito aquillo que só é naturalidade.

Quanto ás regras artisticas deste genero de composição, segui as que me parecerão melhores e muitas vezes a imaginação; entretanto podem ser modificadas ao gosto do professor que escrever a musica.

Sobre a metrificaçã, ha uma questão que não está resolvida entre nós; e é que valor têm os diphthongos no verso como syllabas; se for mão um pé ou dois. Ordinariamente isto fica ao arbitrio do autor, que se guia pela cadencia.

Eu deixo ao arbitrio do compositor; se a união ou divisão dos diphthongos sôar mal em musica, poderá alterar-se o verso como fôr melhor e mais harmonico.

O mesmo pratiquei a respeito das vogaes. Lendo-se um verso, ha ellipses naturaes que se fazem pela simples pronuncia; entretanto que cantando-se, e dividindo-se as syllabas pelas notas, póde não dar-se a subtracção.

Eis o que julgo necessario dizer áquelles a quem dedico esta opera; aos litteratos não me dirijo, porque já adverti que isto não é um trabalho feito com esmero; é uma simples tela em branco que o compositor se incumbirá de colorir.

Finalmente, tendo sido o meu desejo, escrevendo isto, sómente o vêr uma opera nacional de assumpto e musica brasileira, cedo de bom grado todos os meus direitos de autor áquelle que a pozer em musica o mais breve possivel.

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1857.

**JOSÉ DE ALENCAR**

## SINOPSE

*Rio de Janeiro. 1945. É noite de São João. Homens, mulheres e crianças se dirigem à festa muito animados. As moças e os rapazes solteiros esperam encontrar um namorado, uma namorada para se casarem antes de abril. Inês admira de longe, melancólica, pedindo a São João que a livre do convento, já que apesar da sua fé, seu coração já foi entregue a outro. Carlos observa a prima sem que ela o veja, certo de que Inês deseja entrar para o convento e dedicar sua vida a Deus.*

*Os dois se encontram e Inês pergunta por que o primo voltou tão cedo da festa. Carlos diz que não tem mais prazer em festas, que deseja ser soldado e morrer servindo a pátria. Inês repreende o primo, que responde que ela rezará por ele. Ambos se despedem do Rio de Janeiro e da vida que conheceram até ali.*

*Entra André, muito satisfeito com a festa e com os quitutes servidos. Inês e Carlos competem pela atenção de André: ela, para dizer que quer ingressar em um convento; ele para dizer que quer entrar no Exército. André finge estar feliz com a decisão de ambos, dizendo que sua vida seguirá tranquila, sem demais preocupações; mas no fundo, teme viver sozinho sem a companhia da filha e do sobrinho.*

*Aparece Joana, uma velha cigana pobre. Inês a vê e pergunta se ela precisa de alguma coisa. Joana diz que não espera mais nada deste mundo. Inês insiste. Joana, então, responde ter frio e fome, mas diz que*

*ninguém a acolhe por ela ser uma maltrapilha. Inês se comove e acolhe a velha cigana, dizendo que sua casa não tem luxo, mas que está aberta a todos aqueles que precisam de um teto.*

*Carlos surge pela última vez para se despedir de Inês, mas é surpreendido com a presença de André, que, ao não reconhecer o sobrinho, acredita que se trata de uma alma penada. Nervoso, o velho André começa a rezar para que o espírito lhe deixe em paz enquanto Carlos se diverte com a situação e se aproveita para que o tio não o veja à procura de Inês.*

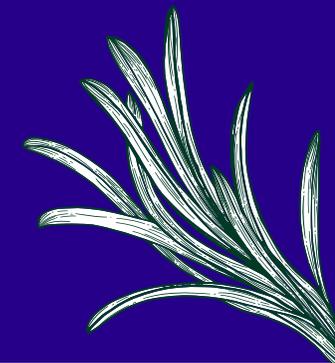
*Joana e Inês comentam sobre a festa e a velha cigana se lembra das festas de São João de sua juventude. Inês pergunta como faziam os namorados de então e Joana diz que, uma vez, uma velha feiticeira lhe ensinou uma simpatia. À meia-noite, o interessado deveria ir sozinho ao jardim e, de joelhos, colher um raminho de alecrim para plantá-lo ao relento. Se o raminho florescesse, o namorado ou a namorada conseguiria seu intento, pois um anjinho teria vindo bafejar a flor e abençoar o seu amor.*

*Carlos ouve a cigana de longe a gosta da ideia. Ambos decidem fazer a simpatia. Joana decide partir, dizendo que quer morrer longe de um olhar amigo para não entristecer quem a abrigou.*

*Carlos e Inês fazem a simpatia do alecrim e acabam se encontrando. Carlos toma coragem e beija a prima, que retribui, apaixonada. Os jovens descobrem que seu amor é recíproco e são surpreendidos por André, que aprova e incentiva a relação.*

*A festa termina, os homens e as mulheres voltam à cidade se despedindo dos festejos. Pelo caminho, passam por Inês, que, feliz, agradece a São João por ter despertado seu coração para o amor.*

# APRESENTAÇÃO



É com muita alegria e orgulho que apresentamos a primeira ópera escrita no Brasil, em língua portuguesa, do compositor Elias Álvares Lobo, e com libreto de José de Alencar. Apesar de ter sido estreada no Rio de Janeiro, em 1860, na presença dos imperadores, a partitura orquestrada foi perdida, restando somente uma versão com acompanhamento para piano.

A história se dá na época dos festejos de São João, nos arredores de Botafogo, no ano de 1805. Conta a história de dois jovens apaixonados, Inês e Carlos, que não sabem que seus sentimentos são correspondidos e recorrem a crenças populares, como plantar um ramo de alecrim, clamando para que este floresça e possa concretizar seus amores.

Para que este importante resgate histórico pudesse ser realizado, contamos, uma vez mais, com a parceria entre a Sustenidos e o Conservatório de Tatuí, a UFRJ e a Funarte.

Edson Lopes, violonista e professor do Conservatório de Tatuí, reeditou os manuscritos. Mateus Araujo, compositor e importante colaborador da equipe da Funarte, reconstituiu e orquestrou a obra. Ambos realizaram um trabalho minucioso e primoroso.

Rosana Orsini, cantora e musicóloga, traz uma ambientação inspirada em Alceu Penna, grande estilista brasileiro que publicava na *Revista Cruzeiro* e que ditava a moda de alta-costura nas décadas de 1940 e 1950, inclusive para as festas juninas.

Emmanuele Baldini, que desde o início de 2022 assumiu o posto de regente titular da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí, vem trazendo propostas inovadoras, como a gravação e a encomenda de obras inéditas, compostas especialmente para a orquestra, além desta brilhante iniciativa de resgate histórico nacional que coloca a Orquestra do Conservatório de Tatuí numa posição de destaque no cenário musical brasileiro.

A programação da Orquestra em 2022 contou com a participação de jovens regentes, compositores e solistas. Não poderia ser diferente nesta ópera: três dos solistas são jovens cantores que estão despontando no cenário lírico nacional, além de um solista já aclamado nacional e internacionalmente.

A montagem desta ópera envolve a participação não somente da Orquestra Sinfônica, mas também do Coro do Conservatório de Tatuí, preparado pelo maestro Marcos Baldini. Teremos ainda a participação de alunos dos cursos de Violão e Viola Caipira, além da colaboração do departamento de Artes Cênicas da instituição. Esta grande integração de alunos e professores do Conservatório de Tatuí vai ao encontro do desejo de realizarmos atividades em conjunto com os diferentes Grupos Artísticos e Pedagógicos e de resgatarmos a produção de óperas em Tatuí.

Esta obra traz vários elementos da cultura tradicional brasileira em sua temática, musicalidade e instrumentação, todos esses tão presentes e vivos no(s) interior(es). Por todos esses motivos, trazer esta ópera para ser reapresentada em Tatuí, vizinha de Itu – cidade natal de Elias Lobo e guardiã dos manuscritos originais – é ainda mais significativo.

**ALESSANDRA COSTA**

*Diretora Executiva da Sustenidos*

**CLAUDIA FREIXEDAS**

*Superintendente Educacional da*

*Sustenidos*

**RENATO BANDEL**

*Gerente Artístico de Música do*

*Conservatório de Tatuí*

# A GÊNESE DE UM RESGATE



E tudo começou com a morte de um amigo. Sim. O resgate da ópera cômica *A noite de São João*, de Elias Álvares Lobo, nasceu no triste momento da última despedida ao saudoso Zuza Homem de Mello, ser humano fascinante, grande difusor e defensor da música brasileira. Conversando com a viúva, Ercília Lobo, a quem tenho a honra de chamar *amiga*, fiquei sabendo de seu antepassado, o compositor Elias Álvares Lobo, de Itu. Poucos dias depois, recebi em minha residência um pequeno livro sobre o compositor com uma afetuosa dedicatória da Ercília, livro escrito pelo atual diretor do Museu da Música de Itu, Luís Roberto de Francisco.

Desde sempre fui apaixonado por História; a possibilidade de ler algo sobre uma importante figura do panorama musical brasileiro no século XIX me entusiasmou, e, em poucas horas, terminei o livro, que foi escrito de maneira fluente e muito cativante.

Dentre todos os momentos fascinantes que a leitura me ofereceu, a história da ópera *A Noite de São João* capturou minha fantasia. Libreto do grande José de Alencar, escrita em português por um brasileiro, estreada no Rio de Janeiro com Carlos Gomes na regência e em presença do imperador dom Pedro



*Elias Álvares Lobo (1834-1901)*

II... Muitos elementos preciosos que transformaram esta ópera em um ímã para minha fantasia. Mas o que me intrigou mais ainda foi perceber que, após sua estreia, a ópera desapareceu do cenário musical. Como foi possível isso? E como é possível que algo tão importante e simbólico para a música no Brasil não tenha sido resgatado ainda? Onde será que eu poderia encontrar o material ou a partitura?

Foi aí que com a preciosa ajuda de muitos amigos, começando pela própria Ercilia Lobo, cheguei ao autor do livro: Luís Roberto de Francisco. Foi ele quem me forneceu as primeiras peças de um quebra-cabeça que parecia complicadíssimo (e de fato o era).

Pulando algumas muitas etapas das buscas, resumirei tudo dizendo que foi como um trabalho de detetive e que foi a primeira vez em que me aventurei nesse tipo de busca.

Resultado: não há material de orquestra disponível, ninguém nunca achou a partitura geral e a única fonte original disponível é o manuscrito da redução da ópera para canto e piano

(ou seja, com a música “traduzida” para o piano, sem a instrumentação orquestral).

Se por um lado senti uma profunda frustração ao ver mais distante a possibilidade de realizar meu sonho, por outro lado a proposta de assumir a regência da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí a partir de 2022 me deu novas esperanças. Para minha grande felicidade, o entusiasmo da instituição em relação ao projeto foi imediato, tanto que logo começamos a buscar parcerias. Sem demora, graças à importante contribuição da Funarte e da UFRJ, vimos a luz no fim do túnel. Um grande artista (Mateus Araujo) foi contratado para orquestrar a ópera inteira a partir da redução pianística, usando como base as orquestrações das óperas conhecidas da mesma época histórica; uma cantora e diretora que tem já vários trabalhos dedicados às óperas desta época no Brasil e em Portugal (Rosana Orsini) foi convidada a ser a diretora de cena e, pouco a pouco, percebi que meu sonho começava a ter bases sólidas para sua realização.

Minha esperança é que o resgate desta importante ópera contribua para valorizar

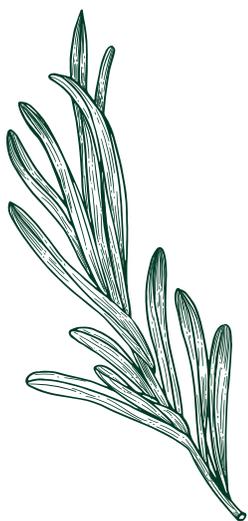
mais a produção musical histórica no Brasil, estimulando mais artistas a lutar para que a memória artística histórica do nosso país seja cada vez mais admirada pelo que de fato foi: uma longa jornada de realizações de grande qualidade, e que, por várias razões (o que seria longo demais para elencar) foram esquecidas.

A lista de agradecimentos seria imensa, mas não posso deixar de mencionar mais uma vez Ercilia Lobo e o diretor do Museu da Música de Itu, Luis Roberto de Francisco, que foram aqueles que acenderam em mim a chama da paixão por Elias Álvares Lobo; depois, Renato Bandel, Claudia Freixedas e Alessandra Costa, que acolheram com entusiasmo minha proposta para a realização em Tatuí; e cada um dos envolvidos na realização da ópera, que estão todos aqui citados nestas páginas, não só pelo seu precioso trabalho, mas ainda mais pelo entusiasmo e pela paixão que mostraram desde o primeiro minuto. Viva a música brasileira, viva Elias Álvares Lobo!

**EMMANUELE BALDINI**

*Diretor Musical*

# A ÓPERA E O BRASIL



“A ópera é uma arte europeia e elitista que deve ser colocada em contraposição à verdadeira cultura brasileira.” Ouvi essa frase por boa parte da minha juventude. Felizmente, hoje estou certa do quão equivocada é essa afirmação. A ópera, um dos poucos gêneros que tem uma certidão de nascimento precisa, com data e lugar, foi, sim, concebida pela elite e para a elite. Mas isso foi há 400 anos... Dos palácios de Florença e Mantova, a ópera foi para os teatros públicos, praças e teatros efêmeros; transcendeu as fronteiras da Itália e se transfigurou como poucos gêneros na história da Arte. Na França, incorporou *ballets*; nos países germânicos, transformou-se no *Singspiel* e, mais tarde, na *Operetta*; no Reino Unido, converteu-se na *Balad Opera*; na Espanha, transformou de forma inexorável a espanhólicima *Zarzuela* e em Portugal fez parte do nascimento do Teatro Cômico Português e das óperas de bonifrates. E, no Brasil?

Bom, a primeira ópera de bonifrates ou marionetes conhecida, também a primeira ópera em língua portuguesa, *A Vida do Grande Dom Quixote* e do *Gordo Sancho Pança*, é de autoria de um dramaturgo nascido no Rio de Janeiro, Antônio José da Silva, ainda que tenha sido escrita e estreada em Lisboa. A ópera começou a ser representada no Brasil há cerca de 300 anos pelos corpos e vozes de artistas pretos e afro-descendentes, que representavam para um público heterogêneo obras escritas por autores europeus e brasileiros, acompanhadas por orquestras de homens naturais do Brasil, com todas as misturas étnicas e raciais que formam o nosso povo.

Dentro da riquíssima história da ópera no Brasil, ainda a ser conhecida pelo público fora do âmbito acadêmico, destaca-se o período em que foi composta a ópera que com muito orgulho hoje apresentamos, graças ao louvável esforço do maestro Emmanuele Baldini, do Conservatório de Tatuí, e de sua dedicada equipe. No seio de uma sociedade culturalmente dinâmica que almejava a criação de uma ópera 100%

brasileira e às vésperas da estreia da nossa grande ópera nacional, *O Guarani*, de Carlos Gomes, nasceu *A Noite de São João*. O texto foi originalmente concebido como um libreto de ópera – e não uma adaptação, como no caso da obra-prima de Carlos Gomes – por José de Alencar, um dos expoentes máximos da literatura oitocentista brasileira, e com música do jovem Elias Álvares Lobo (Itu, 9 de agosto de 1834 – São Paulo, 15 de dezembro de 1901). A qualidade da música apresentada pelo compositor ituano mostra que não só na corte do Rio de Janeiro se falava, pensava e fazia ópera. A temática também não podia ser mais próxima, cara e atemporal para o povo brasileiro do que a festa de São João, essa festa de origem pagã e revestida de símbolos católicos que é comemorada em terras brasileiras desde os primórdios da presença portuguesa na América.

Por ocasião desse resgate tão importante para a música brasileira, decidimos lembrar mais uma notável figura do nosso panorama artístico. Os cenários e figurinos foram inspirados pela indescritivelmente bela e valiosa obra do estilista mineiro Alceu Penna

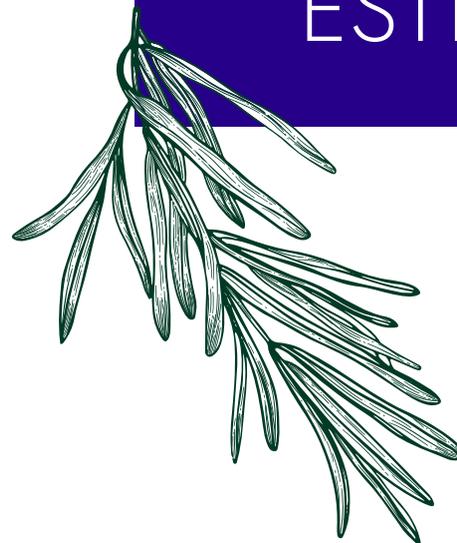
(Curvelo, 1915 – Rio de Janeiro, 1980), o pai da nossa alta-costura. Alceu, que incluía todos os anos no caderno “As Garotas” da *Revista Cruzeiro*, entre 1938 e 1964, diversos modelos para a celebração das festas de São João, é, de forma indiscutivelmente brasileira, mais um exemplo do antropofagismo cultural que nos define, misturando a alta-costura da sua época com temas e materiais genuinamente brasileiros.

Alceu Penna, José de Alencar e Elias Álvares Lobo são do que há de mais belo e autêntico na cultura brasileira: plural e diversa! Que o importantíssimo resgate de *A Noite de São João* nos ajude a recuperar a nossa identidade em toda a sua plenitude e beleza sem que um gênero artístico seja preterido em detrimento de outros, pois só no Brasil todos eles podem conviver lado a lado. Que *A Noite de São João* ilumine com sua fogueira o nosso futuro como nação, abrindo as portas para um novo ciclo de fartura, luz e esperança. Viva a Ópera! Viva a Cultura Brasileira!

**ROSANA MARRECO ORSINI BRESCIA**

*Diretora de Cena*

# A NOITE DE SÃO JOÃO ESTRELADA



Através da Funarte, do Projeto SINOS e da UFRJ, recebi a honrosa encomenda de reconstituir e orquestrar uma ópera do século XIX a partir de um manuscrito sobrevivente para canto e piano. Se trata da primeira ópera escrita por um brasileiro em língua portuguesa, em 1860, com data marcada para reestrear 7 de dezembro de 2022, no famoso Conservatório de Tatuí, sob a regência do Maestro Emmanuele Baldini, idealizador desta recriação, a quem tanto admiro.

Fui ler sobre o compositor da ópera, Elias Álvares Lobo – mais um Lobo na vasta estepe da música brasileira. Lembrei dos mineiros do Período Colonial Emerico Lobo de Mesquita e João de Deus Castro Lobo, depois de Villa-Lobos e Edu Lobo.

Sobre Elias Álvares Lobo, vi que foi discípulo de Francisco Manuel da Silva, autor do Hino Nacional. Li sobre sua expressiva produção, com muita música sacra, canções e duas óperas. Li que seria

# A noite de S. João Opera Comica.

Musica de  
Elias Álvares Lobo.

Personagens	Classificação das vozes.
Andre. Sobrinho de João Junior (59 annos)	Baritone.
Carlos. Sobrinho de Andre. (19 annos)	Tenor.
Ignaz. Filha de Andre. (16 annos)	Soprano.
Joana. Cigana. (50 annos)	Mexodramo.

Acto 1.<sup>o</sup> Familias, moços, e moças que vão de festa.

Este primeiro coro he cantado fora da scena, com acompanhamento de violas

Viva viva viva S. João sancto sancto sancto folga-zão

Viva viva viva S. João sancto sancto sancto folga-zão

Viva viva viva S. João sancto sancto sancto folga-zão

Viva viva viva S. João sancto sancto sancto folga-zão

Segue coro de moços, moças, e familias.

contemplado com bolsa de estudos para aperfeiçoar-se na Itália, mas que ficou no Brasil, em Itu, por causa de sua família. O florescimento da música no Brasil tinha chegado à ópera e finalmente um compositor brasileiro escreveria uma ópera "nacional", como foi desenhada e estruturada por José de Alencar. Este já publicou o texto como um libreto de ópera em 1857, com recomendações distintamente expressas no prefácio para que o compositor o pusesse em música.

Li que o libreto de *A Noite de São João* foi publicado no mesmo ano em que José de Alencar começava *O Guarani* e imaginei um elo comum. O jovem Carlos Gomes teria participado da estreia de *A Noite de São João* (já foi dito que até como regente) e, certamente, esta ópera, de um brasileiro, deve ter sido um modelo para ele, que no ano seguinte estrearia sua primeira ópera, *A Noite do Castelo*.

E quais modelos Elias Álvares Lobo teve para escrever a primeira ópera brasileira? Estudei o manuscrito e vi uma peça equilibrada do início ao fim, com herança da linguagem de Rossini, privilegiando o *bel canto*. Em alguns momentos, observei mesmo a busca da melodia pura, característica de Bellini, senti a energia de Donizetti nas *cabalettas* e lembrei da imaginação e da síntese presentes nas primeiras óperas de Verdi. Encontrei no manuscrito algumas

características que me chamaram a atenção, além da qualidade da música, a indicação de acompanhamento com violas caipiras nas cenas de coro interno; a presença do coro interno na cena 4 se alternando com a cena sul palco em fórmulas de compasso diferentes; uma valsa com frases rodopiantes de 9 compassos na cena 4; um vivo e irônico momento de explosão orquestral festiva, depois que a cigana Joana diz esperar a morte na cena 5; um longo trecho na cena 8, quando a cigana está ensinando uma mandinga em compasso 5/4, inusitado para a época.

Além da exposição equilibrada das vozes, dos conjuntos e das nuances para mostrar o texto, identifiquei um certo elemento de engenhosa simplicidade que poderia bem estar abraçado com a música popular. Li que Elias Álvares Lobo também foi o principal professor de Chiquinha Gonzaga e, então, novamente, imaginei um elo comum. A música dessa ópera teria a carga genética que chegou até nossa música popular.

A sonoridade da orquestra de ópera italiana, na época, incorporou a orquestra clássica com madeiras a dois - com duas flautas, uma dobrando flautim, dois oboés, duas clarinetas e dois fagotes -, metais com duas trompas, dois trompetes e três trombones. Na percussão, além dos tímpanos, bombo e pratos percutidos

simultaneamente, como de costume, encontrei a presença contínua das cordas, que fazem o esteio da harmonia e do ritmo para os acompanhamentos, com espaço e apoio para as vozes solistas e para o coro.

Assim como há no *Rigoletto*, de Verdi, estreado no Rio de Janeiro, em 1856, incluí na instrumentação uma campana para mostrar as badaladas de meia-noite. Desde seus primórdios, a ópera usou amplamente os recursos instrumentais disponíveis e o período clássico lhe deu o mesmo aparato desenvolvido na música sinfônica. Algumas óperas do início do *bel canto*, como *La Cenerentola* (1817), de Rossini, têm partes de solistas de madeiras exigentes, muitas vezes, de estilo concertante e cuja orquestração é direcionada a conjuntos de considerável virtuosidade.

Como um exemplo da importância da instrumentação, temos a introdução orquestral do segundo ato da *Norma* (1831), de Bellini, que possui uma orquestração despojada, mas poderosa, com dois elementos sonoros distintos: harmonia nas madeiras, tensionada com a presença de trítomos, e uma melodia no naipe de violoncelos começando com as notas lá e fá, *cantabile*, no registro médio-agudo do instrumento. Wagner regeu muitas vezes *Norma* e certamente foi influenciado por esses coloridos

orquestrais. Abriu seu revolucionário prelúdio de *Tristão e Isolda* (1865) utilizando os dois elementos sonoros, com as mesmas notas lá e fá também na mesma região dos violoncelos, e deixando os trítomos nas madeiras.

Ainda que a redução para piano contenha apenas o essencial, a orquestração costuma agregar mais elementos conforme a disponibilidade e o melhor desempenho do colorido orquestral. O manuscrito de *A Noite de São João* mostra alguns contracantos e as partituras da época revelam que outros poderiam ser agregados, provavelmente durante o processo de orquestração. Quando resolvi acrescentar alguns contracantos, foi buscando lhe repetir o estilo.

Como em Bellini e Donizetti, as vozes têm a primazia, mas, ora estão sozinhas, ora recebem apoio de solistas de sopro ou mesmo dos violinos. Também é possível identificar, mesmo numa redução para piano, os motivos que possam se encaixar na “personalidade” de um instrumento de sopro. Da mesma forma, é possível encontrar a ocasião em que os metais podem ser melhor utilizados. O acompanhamento rítmico muitas vezes está a cargo das cordas, e, segundo a leveza da passagem, a opção de *pizzicato* pode ser considerada.

As páginas 109 e 110 do manuscrito não foram encontradas; foram, sim, reconstituídas seguindo o material temático já exposto. Algumas passagens de recitativo e algumas cadências foram rescritas, algumas fórmulas de compassos, foram alteradas para maior praticidade, sempre em respeito à melhor realização do texto original da partitura. Como grande sucesso que deve ter sido na época, a parte da redução do rondó final, da cena 12, para soprano e coro, foi encontrada impressa em uma edição da época.

Assim, buscando reconstituí-la segundo os mais altos padrões originais de uma época, *A Noite de São João* ressurgiu estrelada, com o devido tratamento orquestral. Essa ópera mostra a perfeita assimilação de uma cultura. Neste caso, a que assimila um jovem compositor brasileiro do interior que chega à metrópole e trilha os caminhos dos grandes de sua época. (Carlos Gomes e Verdi também eram

do interior!) Além dessa assimilação cultural, Elias Álvares Lobo nos mostra um potencial incomum para transformá-la, adaptando-a a nossos sonhos e realidades, de onde podemos também ouvir as vozes de nossas raízes.

Obrigado, maestro Emmanuele Baldini, pela sua sensibilidade e obstinação artística; obrigado aos mestres André Cardoso e Marcelo Jardim, da FUNARTE/SINOS/UFRJ; ao Conservatório de Tatuí, que fez parte de minha educação musical; obrigado em especial ao professor Renato Bandel e à diretora Claudia Freixedas. Agradeço com muita alegria à diretora cênica Rosana Orsini e parabeno a todos os envolvidos nesta reestrea histórica, que devolverá ao repertório dos cantores e dos teatros uma ópera tão importante e significativa. Que responsabilidade e orgulho participar desta realização!

**MATEUS ARAUJO**  
*Maestro e Compositor*

# A PRIMEIRA ÓPERA BRASILEIRA



A ópera é um gênero musical cultivado no Brasil desde, pelo menos, 1746, quando pela primeira vez um documento menciona a existência de uma Casa da Ópera em Vila Rica (atual Ouro Preto). As récitas teatrais cantadas e acompanhadas por instrumentos musicais oferecidas em teatros públicos permanentes, abertos a quem pudesse arcar com os preços dos bilhetes e então denominadas *óperas*, eram representadas por atores locais, majoritariamente afrodescendentes, por vezes chamados de *operários*. Em um primeiro momento, o repertório apresentado nas dezenas de teatros em atividade de norte a sul da América Portuguesa era predominantemente importado da Europa ou composto por autores naturais do Brasil que seguiam os cânones europeus. A partir de meados do século XIX, porém, ele passa a ser pensado de modo a incorporar elementos e temáticas da cultura brasileira.

A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, fundada em 25 de março de 1857, foi indubitavelmente a mais importante iniciativa para estimular a produção

de espetáculos líricos e “propagar e desenvolver o gosto pelo canto em língua pátria”\*. Concebida por José Amat, ex-militar e cantor espanhol que chegou ao Brasil após discordâncias com a política de sua terra natal, a Academia apresentava como carro-chefe a ambiciosa proposta de desenvolver o canto lírico em português. Seus estatutos foram aprovados em 1858 e previam aulas para o “ensino da arte dramática, da reta pronúncia, da inteligência gramatical do discurso e da expressão das ideias pela música, e entoação da voz”\*. O projeto da Academia contou com o apoio do Governo Imperial, que concedeu o uso do Teatro Provisório do Rio de Janeiro em dias e horas que não coincidiram com as récitas ordinárias da Companhia Lírica, para além da renda de 16 loterias anuais em benefício da academia. A primeira obra apresentada foi uma tradução para o português da *zarzuela* espanhola *A Estreia de uma Artista*. Seguiram-se óperas bufas italianas e algumas óperas sérias, sempre traduzidas para o português, incluindo a *Norma*, de Bellini, e a *La Traviata*, de Verdi, encenada

como *A Transviada*. De acordo com o programa da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, a cada ano deveria ser montada pelo menos uma nova ópera brasileira. *A Noite de São João*, de Elias Álvares Lobo, foi, precisamente, a primeira.

O *Correio Mercantil* de quinta-feira, 19 de janeiro de 1860, anunciava que o jovem compositor nacional Elias Álvares Lobo, que há tempos escrevia uma ópera sobre um poema nacional, havia concluído seu trabalho, incluindo a instrumentação, e que ela estava pronta para ser encenada. Meses mais tarde, o *Jornal do Commercio* do dia 13 de dezembro de 1860 anunciava que no dia seguinte, sexta-feira, 14 de dezembro, subiria à cena pela primeira vez a ópera em 2 atos, “original brasileira”, *A Noite de São João*, com poesia do Sr. Conselheiro José de Alencar e música de Elias Álvares Lobo. A estreia se deu no mais importante palco do Império Brasileiro, o Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara. No elenco, estavam o Sr. Eduardo Ribas no papel de André; o Sr. José Amat, empresário da companhia e fundador da Imperial Academia, no papel

\*ANDRADE, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo - 1808-1865: uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1967. 2v., p. 95.

de Carlos; a Sra. Luíza Amat no papel da protagonista Inês e a Sra. D. Carlota Milliet no papel da velha cigana Joana. Interessantíssimo notar que o elenco incluía não só cantores brasileiros. José Amat era espanhol; sua esposa, Luíza Amat, era brasileira; Eduardo Ribas era português, e Carlota Milliet, brasileira.

No dia da estreia, o mesmo jornal publicou o seguinte:

*Hoje subirá à scena, em primeira representação, a opera lyrica A noite de S. João, escripta pelo Sr. Conselheiro Dr. José de Alencar, e posta em musica pelo Sr. Elias Álvares Lobo, cujo talento, por mais de uma vez, temos ouvido elogiar. Delineada com xiste, esta composição simples e graciosa revela bem o mimo e a naturalidade que distinguem a delicada penna de seu autor, a quem o publico já tem feito justiça applaudindo os seus trabalhos. Segundo a informação de pessoa fidedigna que assistira a um dos ensaios, a música, adaptada ao assumpto e à poesia, está na altura do escripto; e os artistas, dado o abraço fraternal, achão-se convenientemente colocados no lugar que lhes compete, quanto ao desempenho. É nestas condições que o Sr. José Amat, vencendo tantos obstaculos oppostos aos seus desejos, dá mais*

*uma prova evidente dos esforços que incessantemente emprega em prol da modesta OPERA NACIONAL, que ele fundara esperançoso. E se o poeta, que natural e facilmente colhe na fecundidade da intelligencia o fruto da imaginação, é digno dos emoras, da animação dos que o considerão e admirão, não o é menos o artista que, sempre contrariado, transformando-os em flores, faz dos espinhos de sua vida artística o ramalhete de seus sacrificios, que offerece ao público em uma noite de sorrisos... Não desanime portanto o Sr. Amat, trabalhe e espere. O nosso publico nem sempre é indifferente às tentativas conscienciosas que têm por única pátria este bello torrão da Santa Cruz, às vezes também lhe chega a occasião de apreciar o que por cá nasce e medra sob a influencia deste calor tropical. Oxalá que esta noite que aguardamos ansiosos velha realizar mais uma bela esperança, e um novo triumpho conseguirá então o Sr. José Amat.*

Após a estreia, um artigo no *Jornal do Commercio* afirmou que a ópera foi muito bem-aceita pelo público, que a aplaudiu constantemente; que a concorrência por parte do público foi numerosa e brilhante e que os artistas rivalizaram em zelo e dedicação pelo bom desempenho da

primeira produção nacional que nesse gênero ia à cena. O autor do artigo afirmou ainda que o público recompensou os esforços da companhia chamando ao palco os artistas, juntamente com o autor, aplaudindo com espontaneidade e dando vivas entusiastas à esperançosa ópera nacional. Por último, confirmou que os imperadores assistiram à representação que ficaria marcada na história da música brasileira. Importante notar que, na ocasião da estreia, José de Alencar não esteve presente, pois não se encontrava na corte do Rio de Janeiro.

A terceira récita se deu no dia 28 de dezembro, também com a presença dos imperadores do Brasil. Foi particularmente interessante por ter sido uma *noite de beneficio* – quando todo o lucro do teatro era revertido ao beneficiado – do compositor Elias Álvares Lobo. Benefícios eram muito comuns entre os cantores e bailarinos solistas, menos comuns entre os músicos da orquestra e muito raros no caso dos compositores. É também, claro, que em um contexto em que a expressiva maioria das obras encenadas eram estrangeiras, os compositores nunca estavam presentes nem podiam ser beneficiados e aplaudidos pelo público local.

Em janeiro de 1861, a ópera continuava a agradar ao público fluminense. No dia 5 de fevereiro, *A Noite de S. João* foi o

Terminará o espectáculo com a linda comedia do Sr. Penna, intitulada

## O NOVIÇO.

Os bilhetes vendem-se no escriptorio do theatro, e na loja do Sr. Paula Brito, praça da Constituição n. 64.

### OPERA LYRICA NACIONAL.

5.ª RECITA DE ASSIGNATURA E 4.ª DO CONTRATO COM O GOVERNO.

Sexta-feira 14 de Dezembro de 1860

subirá á scena pela primeira vez a opera em 3 actos, original brasileiro,

## A NOITE DE S. JOÃO

poesia do Sr. conselheiro José de Alencar, musica do Elias Alvares Lobo

na qual tomão parte as Sras. D. Luíza Amat e D. Carlota Milliet, e os Srs. Ribas e Amat, e coreas.

Quarta-feira 18 de Dezembro de 1860.

ULTIMO BENEFICIO DO 1.º BARRAZINO ABSOLUTO

### Celestino-De-Martini.

Representar-se-ha o drama em 4 actos e 1 prologo, original portuguez do Sr. Feijó, e posto em scena com todo o apparatus que seu autor requer, intitulado

## A TORRE DO CORVO

*Jornal do Commercio, RJ, 1860.*

título escolhido para mais um beneficio, dessa vez de uma familia necessitada. Interessante notar que desde a estreia no ano anterior, a cena, que originalmente acontecia no "arrabalde" de Botafogo no Rio de Janeiro em 1805, passou-se na freguesia do Brás, em São Paulo, ainda em tempos coloniais, provando que, mesmo em sua primeiríssima representação, uma ópera poderia ser representada em outro contexto, diferente daquele concebido originalmente. Essa récita foi realizada não no Teatro São Pedro de Alcântara, mas sim

no Theatro Gymnasio, ainda que o elenco fosse o mesmo da estreia. Outro anúncio deste benefício publicado no *Correio Mercantil* do dia 8 de fevereiro, trazia as seguintes informações:

*Sobe hoje à scena no theatro Gymnasio a bella opera brasileira A noite de S. João, em beneficio de uma família necessitada. Quem conhece essa bem escripta partitura do nosso patricio, o jovem Elias Álvares Lobo; quem tem ouvido o maravilhoso canto da Sra. D. Luiza Amat, e a voz symphatica da Sra. Milliet, e quem tiver um coração bem formado e inclinado para a caridade, não deixará de ir assistir ao espectáculo de hoje. Honra à beneficente companhia da opera nacional que se presta a proteger uma família na penúria: honra a todos aqueles que sabem compreender que a fome é horrível e que um pedaço de pão na boca dos famintos merece uma recompensa nos braços de Deus.*

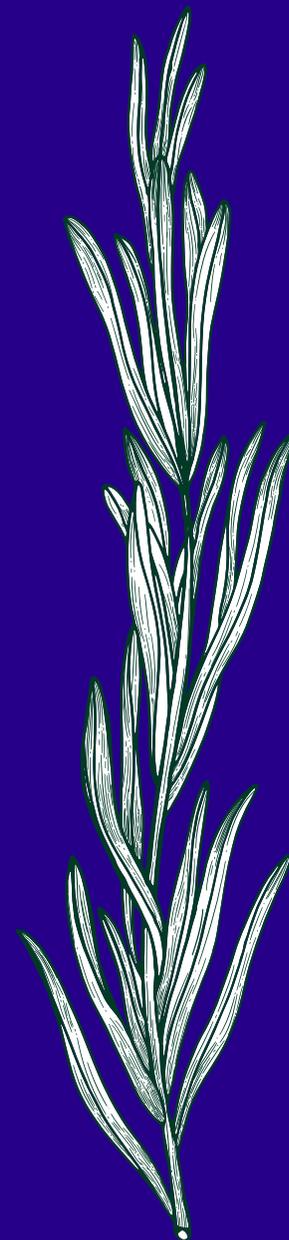
Após o sucesso da ópera, o compositor Elias Álvares Lobo retornou à sua cidade natal, Itu, mas não sem antes publicar um agradecimento ao público fluminense e à Ópera Nacional. Na impossibilidade de se despedir pessoalmente de todos os amigos e colaboradores no Rio de Janeiro, o compositor publicou uma

mensagem no *Jornal do Commercio* agradecendo sobretudo ao “ilustrado povo da capital pelo benévolo acolhimento prestado” à sua ópera *A Noite de S. João*, bem como à sábia diretoria da Ópera Nacional. Agradeceu também aos intérpretes de sua ópera, as senhoras Amat e Milliet e o Sr. Ribas, que “tanto e tão brilhantemente coadjuvaram na representação”.

Hoje, 162 anos após a estreia no Rio de Janeiro, a primeira ópera brasileira volta a ser representada graças à notável iniciativa do Conservatório de Tatuí e do maestro Emmanuele Baldini, assim como ao incomensurável trabalho de orquestração do maestro Mateus Araujo. Volta aos palcos no Estado natal de seu compositor, desta vez com um elenco integralmente brasileiro, cantada no português do Brasil com seus múltiplos sotaques. Volta à cena para resgatar figuras tão importantes da nossa cultura, como o compositor paulista Elias Álvares Lobo, para relembrar a obra do nosso grande escritor romântico José de Alencar e para celebrar a cultura brasileira em todas as suas múltiplas vertentes.

**ROSANA MARRECO ORSINI BRESCIA**

*Diretora de Cena, Cantora Lírica e Musicóloga*



# LIBRETO

## Personagens

### André

Tabelião do Rio de Janeiro, 59 anos

### Carlos

Sobrinho de André, 19 anos

### Inês

Filha de André, 16 anos

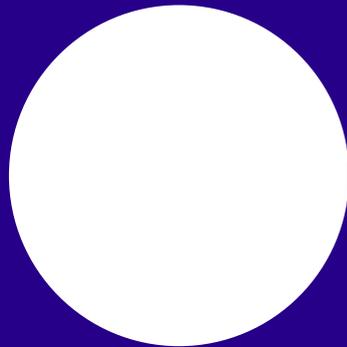
### Joana

Velha cigana, 50 anos

*Coro de rapazes, moças e famílias que vão à festa de São João.*

*A cena é em um arrabalde da cidade do Rio de Janeiro, em Botafogo, no final da década de 1940\*.*

*\*No libreto original, em 1805.*



## CENA I

*Famílias, moços, moças que vão à festa*

### **Vozes destacadas**

Viva S. João

Santo folgazão!

### **Coro de rapazes e moças**

Ao clarão das fogueiras  
meus amigos, brinquemos!  
Alegres companheiras,  
S. João festejemos.

### **Coro de rapazes**

Boa sorte, moça gentil,  
boa sorte lhe dê o fado;  
e que se case em abril,  
com quem for do seu agrado.

### **Coro de moças**

Boa sorte, gentil senhor,  
hoje lhe dê S. João;  
que não veja maio em flor,  
sem ter preso o coração.

### **Coro de rapazes e moças**

Ao clarão das fogueiras,  
meus amigos, brinquemos!  
Alegres companheiras,  
S. João festejemos.

## CENA II

**Inês**

Como alegres vão  
brincar e dançar!  
E eu só a rezar  
a minha oração.

Meu bom S. João,  
Tu que estais no céu,  
livrai-me do véu  
e da profissão.

Meu pai quer-me freira,  
freira não serei;  
minha alma já dei  
em que ele não queira.

Eu te amo, meu Deus!  
Da vida os momentos,  
os meus pensamentos,  
bem sabes, são teus!

Mas o coração,  
esse me fugiu,  
de mim se partiu;  
já não é meu; não!

## CENA III

**Carlos**

Ela reza, a oração  
é todo o seu pensamento;  
e mal sabe o sofrimento  
que tenho no coração.

Quer fugir-me! Não me ama,  
Para sempre a vou perder!  
O que me resta!... O dever.  
Soldado, a pátria te chama.

Ah! Quando de Deus o véu  
te roubar ao meu amor,  
serás, graciosa flor,  
a minha estrela no céu.

**Inês**

Ah! Meu primo!...

**Carlos**

Inês!...

**Inês**

Tão cedo voltou...  
A festa acabou?

**Carlos**

Não; mas desta vez  
não lhe acho prazer.

**Inês**

Por quê?

**Carlos**

Sou soldado;  
tenho outro cuidado,  
vou talvez morrer.

**Inês**

Carlos, se me estima,  
não me fale assim!

**Carlos**

No convento, prima,  
rezará por mim.

**Inês**

Ah! Por compaixão,  
mude de intenção!

**Carlos**

Não, não; eu jurei,  
soldado serei.

**Inês**

Eu, freira professa;  
serei abadessa.

**Carlos**

Corro ao campo da vitória,  
vou a pátria defender;  
o soldado que ama a glória,  
deve por ela morrer.

**Inês**

Corro ao claustro, à solidão  
minha alma a Deus oferecer;  
quem ama a religião  
deve a ela pertencer.

**Carlos e Inês**

Adeus, Rio de Janeiro,  
adeus, campo onde nasci.  
Meu belo tamarinheiro,  
vou viver longe de ti.

Adeus, meus alegres dias,  
adeus, flores que plantei,  
adeus, céus, que me sorrias,  
Adeus, tudo quanto amei!

**Carlos**

Adeus,  
Oh! Amores meus,  
que vou combater  
pela pátria, por Deus  
vencer ou morrer.

**Inês**

Adeus,  
Oh! Amores meus,  
que vou pertencer  
ao Senhor meu Deus,  
por ele viver.

## CENA IV

**André**

Que bela função!  
Uma soberba ceia,  
barriga bem cheia,  
Viva S. João!

**Coro** *(ao longe)*

Viva S. João!  
Santo folgazão.

**Carlos e Inês**

Oh! Que comilão!  
Oh! Forte glutão!

**André**

Que bela função!  
Tanto inhame assado,  
bolos com melado,  
Viva S. João!

**Coro**

Viva S. João!  
Santo folgazão!

**Carlos e Inês**

Oh! Que comilão!  
Oh! Forte glutão!

**André**

Que bela função!  
Tiros e foguetes,  
canjica e roletes,  
Viva S. João!

**Coro**

Viva S. João!  
Santo folgazão!

**Carlos e Inês**

Oh! Que comilão!  
Oh! Forte glutão!

**Carlos**

Ah! Meu tio!

**Inês**

Meu pai!

**Carlos**

Pretendo partir.

**Inês**

Quero te pedir...  
Por Deus, escutai!

**Carlos**

Quando amanhecer...

**Inês**

Já neste momento...

**Carlos**

Soldado vou ser...

**Inês**

Me mande ao convento.

**Carlos**

Ah! Meu tio!

**Inês**

Meu pai!

**Carlos**

Eu vou combater.

**Inês**

Freira quero ser...  
Por Deus, escutai!

**André**

Com a breca!  
Forte seca!

Pelo grande Santo André,  
meu divino padroeiro,  
entendam-se, por quem é;  
fale um de vocês primeiro.

Um me puxa daqui,  
outro puxa dali;  
um grita de cá,  
outro escute de lá!

**Carlos**

Oh! Meu tio!...  
Quero partir

Por Deus, escutai!  
Ao amanhecer...

Soldado vou ser...

Oh! Meu tio!...  
Eu vou combater

Por Deus, escutai!

**Inês**

Meu pai!

Quero te pedir...  
Por Deus, escutai!

Já neste momento...

Me mande ao convento.  
Meu pai!

Freira quero ser,  
Por Deus, escutai!

**André**

Oh! Meu tio! Meu pai!  
Desejo partir...  
Quero te pedir...  
Por Deus, escutai!  
  
Quando amanhecer...  
Já neste momento...  
Soldado vou ser...  
Me mande ao convento.

Oh! Meu tio! Meu pai!  
Eu vou combater...  
Freira quero ser...  
Por Deus, escutai!

Cada um por sua vez  
fale claro e compassado;  
Vem cá, filha, minha Inês,  
fale, senhor estouvado.

(A Inês)  
Vem cá!

(A Carlos)  
Vem cá!  
Ponham isto já  
em trocos miúdos.

Então ficam mudos?

**Carlos (à parte)**

Oh! Ela se cala!

**Inês (à parte)**

Oh! Ele não fala!

**Carlos (à parte)**

Se arrependeria!

**Inês (à parte)**

Meu Deus! Mudaria!...  
Pois eu, não! Não mudo.

**Carlos (à parte)**

Eu não me arrependo.

**Inês (à parte)**

Ah! Vai dizer tudo!

**Carlos (à parte)**

Como estou sofrendo!

**André**

Não tugem.  
Nem mugem.

**Inês (à parte)**

Vamos! Ânimo!  
(alto)  
Meu pai,  
uma graça só vos peço;  
ao convento me mandai,  
com prazer vos obedeco.

**Carlos**

Meu tio e Sr. André,  
uma graça só vos peço;  
dai-me espada e boldrié,  
sou valente; eu o mereço.

**André**

Bravo! Bravo! Meus meninos,  
eu vos dou minha bênção;  
seguireis vossos destinos,  
tal era minha intenção.

(A Carlos)  
Serás soldado.

(A Inês)  
Terás o véu.

**Inês (à parte)**

Oh! Malfadado!

**Carlos (à parte)**

O céu rouba-a de mim!

**André**

Ai! Que bela vida!  
Sozinho comendo,  
boa pinga bebendo.  
Livre e descansado,  
sem outro cuidado!

**Carlos**

Oh! Que bela vida!  
Valente soldado  
com espada ao lado  
no largo do Paço  
uma guarda faço.

**Inês**

Ah! Que bela vida!  
Noiva do Senhor,  
cheia de puro amor,  
são alegres sonhos  
meus dias risonhos.

**André (à parte)**

Oh! Que triste vida!  
Ilusão perdida!  
Sozinho comendo,  
sozinho bebendo,  
fico solitário  
qual celibatário!  
Pensando,  
lembrando,  
os tempos que aqui  
com eles vivi!

**Carlos (à parte)**

Oh! Que triste vida!  
Ilusão perdida!  
Mísero soldado  
com espada ao lado,  
no largo do Paço  
longas horas passo!  
Pensando,  
lembrando,  
os tempos que aqui  
com ela vivi!

**Inês** (*à parte*)

Ah! Que triste vida!  
Ilusão perdida!  
Freira do Senhor,  
viúva de amor,  
são pálidos sonhos  
meus dias tristonhos!  
Pensando,  
lembrando,  
os tempos que aqui  
com ele vivi!

## CENA V

**Joana**

É perto de meia-noite;  
as estrelas já se apagam;  
os maus espíritos vagam;  
e não sei onde me acoite.

Ah! Quantos neste momento  
esperam sua boa sorte;  
mas o meu padecimento  
só espera pela morte.

## CENA VI

**Inês**

Pareceu-me ouvir alguém!...  
Ah! Uma pobre mulher.  
Coitada, nem capa tem...  
  
Boa velhinha, o que quer?

**Joana**

Nada, formosa menina,  
do mundo nada desejo.

**Inês**

Perdoe; mas no rosto vejo,  
que sofre, que se amofina.

**Joana**

Sinto fome; sinto frio,  
não tenho um abrigo, filha;  
pedi pão, ninguém me ouviu;  
me chamam de maltrapilha.

Os ricos, do seu jantar,  
não me dão nem as migalhas;  
não me deixam repousar  
nem mesmo em cima das palhas.

**Inês**

Coitada! Venha comigo,  
aqui terá um abrigo.

Aquele teto não cobre  
riquezas nem abundância;  
mas o desgraçado, o pobre  
ali entra, ali descansa.

Aquela porta não guarda  
senão a nossa humildade;  
mas ao passante, que tarda,  
não nega hospitalidade.

**Joana**

Acho enfim um seio amigo,  
terei aqui um abrigo.

Aquele teto não cobre  
riquezas nem abundância;  
mas no coração do pobre  
ali vive a esperança.

Aquela porta não guarda  
senão a santa humildade;  
mas ah!... por ela não tarda  
que não entre a felicidade.

## CENA VII

**Carlos**

Venho pela última vez  
saudar meus tristes amores,  
deixar aos teus pés, Inês,  
a minha alma nestas flores.

**André**

Está me dando seu cuidado  
essa teima dos pequenos;  
um embirra em ser soldado  
outra freira, nada menos.

**Carlos** (*vendo André*)

Ai! O tio!... E essa agora!  
Se me pilha aqui metido,  
deita-me de casa fora;  
fico para sempre perdido!

**André** (*vendo Carlos*)

Vou depressa aconselhar-me!  
Frei João do Amor Divino  
desta alhada há de tirar-me;  
é homem de grande tino.  
Muito bem,  
corro e já.

**Carlos**

Ele vem  
para cá!

**André**

Hem!... Ouvi!

**Carlos**

Me senti!

**André**

Me iludi!

**Carlos**

Não me viu!

**André**

Corro e já,  
sem demora.

**Carlos**

Vem para cá  
é agora.

**André** (*tremendo*)

Jesus, Maria, José,  
nem me posso ter em pé!

**Carlos**

Quá! Quá! Quá! O tio André  
nem se pode ter em pé.

**André** (*tremendo*)

Ai!... Pelo sinal,  
da... da Santa Cruz;  
livrai-me Jesus  
de... de todo o mal.

Ai!... Ave Maria  
tão cheia de graça;  
ai!... Valei-me um dia,  
e nesta desgraça.

Ui! Meu Padre nosso  
que no céu estais...  
Ah! Que já não posso!...  
Bendito sejais!

Ai! Salve Rainha  
nesta benta hora,  
advogada minha,  
valei-me, Senhora!

**Carlos** (*rindo*)

Faz pelo sinal...  
Sim! Da Santa Cruz;  
grita por Jesus  
que o livre do mal.

Reza Ave Maria  
o velho barbaça;  
há quem não se ria  
de uma tal desgraça!

Temos Padre Nosso,  
bendito sejais!  
Ai! Que já não posso,  
não! Não posso mais.

Oh! Salve Rainha!...  
Deita hoje para fora  
toda a ladainha!...  
O que falta agora?

**André**

Se és uma alma d'outro mundo  
que andas por aqui penando;  
pela cruz benta te mando  
que voltes já ao profundo.

**Carlos** (*pensa*)

Oh! Que ideia! Vou me escapar!  
És da gula pecador...  
Morrerás como um tambor...  
Mas hoje podes passar.

**André**

Senhora do Livramento,  
livrai-me desta desgraça!

**Carlos**

Vamos! Obedece! Passa!  
Isto, já, neste momento!

**André**

Lá vou!

**Carlos**

Passou!  
Apre! Eu mesmo ainda não sei  
como desta me safei!

Porém aí chega Inês,  
vou me esconder outra vez.

## CENA VIII

**Joana**

Lá festejam S. João,  
também eu já festejei  
quando tinha um coração,  
quando fui moça e amei.  
Ah! Que tempos já lá vão!

**Inês**

Eram bem lindas então  
as festas que se faziam?  
Os moços nessa função  
às moças o que diziam?  
Em casamento as pediam?

**Carlos** (*à parte*)

Que tal! Para uma freira  
está muito perguntadeira!

**Joana**

Oh! Quando chegava o dia  
logo cedo me enfeitava;  
que doce e santa alegria!  
Com que prazer não brincava,  
e a sorte não esperava!

**Carlos** (*à parte*)

Ai! Como está derretida  
esta velha delambida.

**Inês**

A sorte?... De que maneira?

**Joana**

Inda me lembro; era assim:  
uma velha feiticeira  
da festa quase no fim  
dizia às outras e a mim:

“Filha, à meia-noite irás  
sozinha lá no jardim;  
de joelhos colherás  
um raminho de alecrim.

Plantarás mesmo ao relento;  
se o raminho florescer,  
conseguirás teu intento;  
e feliz terás de ser.

Às vezes vem um anjinho  
bafegar a linda flor;  
ele te dirá baixinho:  
— Deus protege o teu amor!”

**Inês**

E sucedia tal qual  
a feiticeira dizia?

**Joana**

Fosse bem ou fosse mal,  
por força que sucedia.

**Carlos** (*à parte*)

Oh! Meu Deus! Que inspiração!  
Se eu consultasse S. João?

**Inês** (*à parte*)

Oh! Meu Deus! Que inspiração!  
Me palpita o coração.

**Carlos**

À meia-noite eu irei  
sozinho lá no jardim;  
de joelhos colherei  
um raminho de alecrim.

Plantarei mesmo ao relento;  
se o raminho florescer,  
consegurei meu intento,  
Inês minha tem de ser.

Do céu virá um anjinho  
bafejar a linda flor;  
ele me dirá baixinho:  
– Deus protege o teu amor.

**Inês**

À meia-noite eu irei  
sozinha lá no jardim;  
de joelhos colherei  
um raminho de alecrim.

Plantarei mesmo ao relento;  
se o raminho florescer,  
consegurei meu intento,  
de meu primo eu hei de ser.

Do céu virá um anjinho  
bafejar a linda flor;  
ele me dirá baixinho:  
– Deus protege o teu amor.

**Coro** (*ao longe*)

É já meia-noite dada  
é a hora bem-fadada!

**Carlos e Inês**

É já meia-noite dada  
é a hora desejada!

## CENA IX

**Joana**

Vós, que pagais pelo pobre  
a esmola da caridade,  
a quem este teto cobre,  
dai, meu Deus, felicidade.

Vou além, breve morrer,  
longe de um olhar amigo;  
mas não quero entristecer  
da paz este doce abrigo.

## CENA X

**Carlos e Inês**

Florirás? Não florirás?  
meu raminho de alecrim?  
E boa sorte me darás?  
O coração diz que sim.

Linda, feiticeira flor,  
flor deste meu coração!  
As falas do meu amor  
Oh! Não me respondas – não.

Deus te fade, bem-fadada,  
gentil e mimosa palma.  
Que vicejes à alvorada,  
flor querida de minha alma.

**Inês** (*à parte*)

Ah! Meu Deus! O que serial...  
Que susto que me causou!

**Carlos** (*à parte*)

Oh! Pareceu-me que via  
um vulto que me tocou!

**Inês** (*à parte*)

Sim! Eu senti... outra mão  
a minha mão apertou!

**Carlos** (*à parte*)

Não; não foi uma ilusão!  
A vista não me enganou!...

**Carlos e Inês** (*à parte*)

Ah! Já me lembro!... sim... sim!  
A velha falou assim:  
“Às vezes vem um anjinho  
bafejar a linda flor;  
ele te dirá baixinho:  
– Deus protege o teu amor”.

**Inês**

Sim! Foi o anjinho de Deus  
que meu rosto bafejou;  
e que nos dedinhos seus  
a minha mão apertou.

**Carlos**

Sim! Foi o anjinho de Deus  
que meu rosto bafejou;  
foram os dedinhos seus  
que minha mão apertou.

**Carlos e Inês**

Meu bom anjinho,  
vou te pedir  
que o meu raminho  
faças florir!  
E com a flor  
que vai se abrir,  
o meu amor  
veja sorrir.

**Inês** (*à parte*)

Ah! Sinto-o junto de mim!  
Me cerra a mão outra vez!

**Carlos** (*à parte*)

Que mãozinha de alfenim!  
Ah! Se fosse a mão de Inês...

**Inês** (*à parte*)

Se eu lhe falasse...

**Carlos** (à parte)  
Se a abraçasse...

**Inês** (à parte)  
Se eu lhe contasse...

**Carlos** (à parte)  
Se eu a beijasse...

**Inês** (à parte)  
Talvez cumprisse  
o meu desejo.

**Carlos** (à parte)  
Talvez sorrisse  
com o meu beijo.

**Inês** (à parte)  
Vou-lhe falar,  
já não hesito.

**Carlos** (à parte)  
Devo-a beijar,  
lá vai! Está dito!

**Inês**  
Ai! Deu-me um beijo!

**Carlos**  
Meu Deus! Que vejo!

**Inês**  
Ah! Carlos!

**Carlos**  
Inês!

**Inês**  
Meu primo!

**Carlos**  
A olhá-la nem me animo!

**Inês**  
Vinha também ao jardim  
plantar o seu alecrim?

**Carlos**  
Sim, meu anjinho,  
vim te pedir  
que o meu raminho  
faças florir.

E com a flor  
que vai se abrir,  
o meu amor  
veja sorrir.

**Inês**  
Não sou anjinho  
para me pedir  
que o seu raminho  
faça florir.

Mas com a flor  
que vai se abrir,  
o nosso amor  
veja sorrir.

## CENA XI

**André**  
Olé! Está bonita!  
Ande lá! Repita!...

**Inês** (assustada)  
Ah! Meu pai...

**Carlos** (assustado)  
Meu tio!

**Inês** (trêmula, à parte)  
Meu Deus!

**Carlos** (confuso, à parte)  
Estou frio!

**André**  
Quem viu um soldado  
assim namorado?...  
Quem viu uma freira  
tão namoradeira?...

**Carlos**  
Ah! Meu tio!... perdão!  
Dava à pátria a vida,  
mas o coração  
é de Inês querida.

**Inês**  
Ah! Meu pai!... perdão!  
Sua filha querida  
deu-lhe o coração,  
deu-lhe mais que a vida.

**Carlos**  
Era só por ela  
que eu queria morrer;  
sem a minha estrela  
não podia viver.

**Inês**  
Era só por ele  
que eu queria o véu;  
se não fosse dele,  
seria só do céu.

**André**  
Bem diz Frei João  
que é espertalhão:  
“Menina que reza  
a todo momento;  
que anda sempre lesa,  
e pensa em convento;  
não sabe o que quer  
a sonsa mulher?  
Quer só casamento”.

Bem diz Frei João  
que é espertalhão;  
“Rapaz que só trata  
de ser militar;  
que só tem bravata  
e vive a brigar;  
não sabe o que quer?  
Quer achar mulher  
para se casar”.

**Carlos**

Ah! Meu tio!... perdão,  
era só por ela  
que eu queria morrer;  
sem a minha estrela  
não podia viver.

**Inês**

Ah! Meu pai!... perdão,  
era só por ele  
que eu queria o véu;  
se não fosse dele,  
seria só do céu.

**André**

Já sei! Já ouvi!  
Estão de namoro!  
Oh! Tudo entendi...  
É um desaforo!

Mas no fim de contas  
melhor é casar;  
cabecinhas tontas  
sempre andam no ar.

**CENA XII****Coro**

Lá morrem as fogueiras,  
a cinza já não arde:  
alegres companheiras,  
vamos! Vamos! Que é tarde.

Acabou toda a festa,  
adeus, meu S. João!  
Agora só nos resta  
das sortes o condão.

Fugiu-nos o prazer  
à cidade tornamos;  
já vai amanhecer,  
meus amigos, partamos!

**Inês**

O meu amor  
era uma flor  
do coração  
inda em botão;  
veio S. João  
e a fez abrir,  
e a fez sorrir  
e se expandir.

**Coro**

E sorrir,  
e florir.

**Inês**

Era minha alma  
qual uma palma  
da oração  
na isenção;  
veio S. João  
e a fez abrir,  
e a fez sorrir  
e se expandir.

**Coro**

E sorrir,  
e florir.

**Inês**

Meu coração  
era um botão  
de linda flor,  
porém sem cor;  
veio o amor  
e o fez abrir,  
se colorir,  
e se expandir.

**Coro**

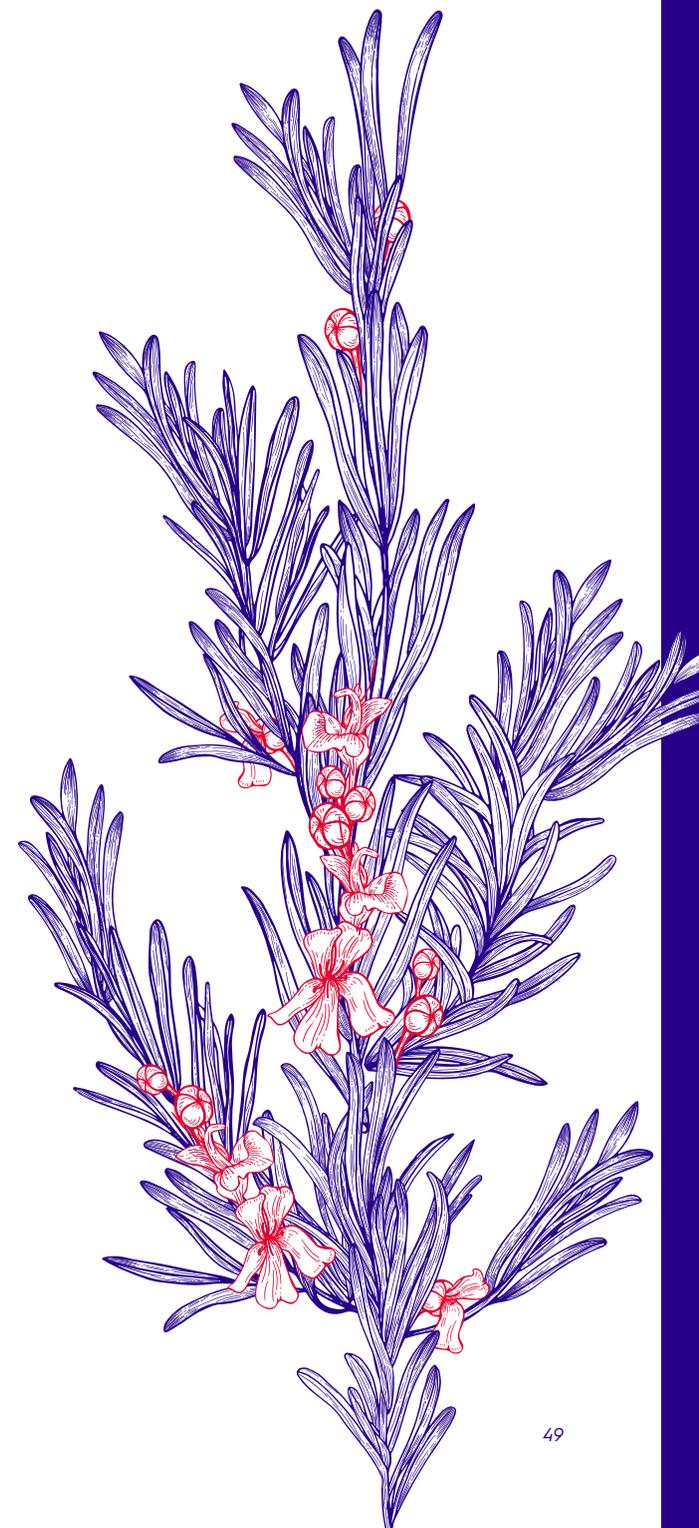
E sorrir,  
e florir.

**André e Carlos**

E sorrir,  
e florir.

**Coro**

Lá morrem as fogueiras,  
a cinza já nem arde;  
alegres companheiras,  
vamos! Vamos! Que é tarde.

**FIM**

# BIOGRAFIAS



## EMMANUELE BALDINI



*Spalla* da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, regente titular da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí e membro do Quarteto de Cordas OSESP. Em 2017, recebeu o Prêmio de Melhor Instrumentista da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) e, em 2021, foi

agraciado pelo Governo do Estado de São Paulo com a Medalha Tarsila do Amaral por seus méritos artísticos. Venceu o primeiro concurso internacional aos 12 anos e, mais tarde, o Virtuosité de Genebra e o primeiro Prêmio do Fórum Junger Künstler de Viena. Apresentou-se em recitais nas principais cidades italianas e europeias e participou de longas turnês pela América do Sul, Estados Unidos, Europa, Austrália e Japão. Tem gravados mais de 40 CDs, entre os quais se destacam obras italianas e brasileiras de música de câmara para o Selo Naxos e obras virtuosísticas para violino solo para o Selo Sesc. Baldini também foi *spalla* da Orquestra do Teatro Comunale di Bologna e no Teatro Giuseppe Verdi di Trieste, atuando ainda como *concertino* na Orquestra do Teatro Alla Scala de Milão. Entre 2017 e 2020, foi diretor-artístico da Orquestra de Câmara de Valdivia, no Chile. Como solista, tocou com a Rundfunk-Sinfonieorchester Berlin, a Orchestre de la Suisse Romande, a Wiener Kammerorchester, a Flanders Youth Philharmonic Orchestra, a Orquestra Estatal da Moldávia e a

Orquestra do Teatro Giuseppe Verdi di Trieste. Nascido em Trieste, Itália, iniciou os estudos de violino com Bruno Polli e em seguida aperfeiçoou-se na classe de virtuosidade de Corrado Romano em Genebra, com Ruggiero Ricci em Berlim e Salzburgo e, em música de câmara, com o Trio di Trieste e com Franco Rossi, violoncelista do Quartetto Italiano.

## MATEUS ARAUJO



Regente, compositor, pianista e violinista, Mateus Araujo foi residente em 2018 e 2019 da Cité Internationale des Arts de Paris, como vencedor do Prêmio Icatu de Artes. Estudou regência com David Machado e Eleazar de Carvalho,

que o recomendou como “um autêntico e nato musicista, extraordinário talento, com uma espontânea vocação para a Arte da Música”. Foi bolsista convidado do Festival de Aspen em 2000 e 2001, estudando com David Zinman e Jorma Panula.

Trabalhou como regente titular e convidado de importantes orquestras brasileiras desde sua participação no concurso mundial Maazel em 2002, incluindo as orquestras Jazz Sinfônica de São Paulo, Sinfônica de Ribeirão Preto, Sinfônica do Theatro da Paz (Belém), Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem e Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro.

Graduado em Música e Composição pelo Conservatório Brasileiro de Música (Rio de Janeiro), desde 1994 tem apresentado no Brasil e no exterior suas obras orquestrais e arranjos para diversas formações, com obras estreadas no Carnegie Hall e Avery Fisher Hall (NY), Gewandhaus de Leipzig, Theatro Municipal do Rio de Janeiro e na Sala São Paulo, entre outros. Atualmente é mestrando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pesquisa de desenvolvimento a partir de sua obra *88 Prelúdios para 88 Notas*, apresentada em 2018 em Paris. Em 2022, estreou duas novas peças orquestrais, *Eclíptica* e *Elegia*, para o Museu Nacional com a Orquestra Sinfônica Nacional da Universidade Federal Fluminense; as peças foram gravadas em apresentação ao vivo na Sala Cecília Meireles – RJ.

## ROSANA MARRECO ORSINI BRESCIA



Cantora lírica e historiadora da ópera, Rosana Orsini participou de diversos projetos relacionados à música e ao patrimônio histórico musical material e imaterial, com especial interesse pela ópera e a música no Brasil nos séculos XVIII e XIX.

Colabora regularmente com grupos que se dedicam ao resgate da música colonial brasileira e participou do projeto de restauro do Órgão Histórico Manuel de Almeida e Silva de Diamantina. Foi diretora artística das

produções das óperas *Il Ballo delle Ingrate*, de Claudio Monteverdi, encenada em comemoração pelos 450 anos do nascimento do compositor, e *Vendado es Amor, no es Ciego*, de José de Nebra, encenada no aniversário de 250 anos da morte do músico espanhol – ambas produzidas no âmbito do Festival Internacional de Música Antiga e Música Colonial Brasileira de Juiz de Fora, em 2017 e 2018. Como cantora, seu repertório abrange desde os séculos XVI ao XX, tendo interpretado diversos papéis em óperas de Mozart (*Così fan Tutte*, *Le Nozze di Figaro* e *Don Giovanni*), Bizet (*Os Pescadores de Pérolas*), Puccini (*Gianni Schicchi*), Massenet (*Manon*), Verdi (*Un Ballo in Maschera*), entre outros. Junto ao organista Marco Brescia, Rosana se apresentou em diversos festivais internacionais de música em Santiago de Compostela, Madri, Veneza, Lisboa, Porto, Madeira, Cidade do Panamá, Nova Iorque, Londres e Praga. É membro da International Musicological Society e pesquisadora integrada do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade Nova de Lisboa, desenvolvendo uma intensa atividade acadêmica. Publicou dois livros sobre a Casa da Ópera de Ouro Preto (Paco Editora, 2012, e Editora Idea, 2020), e um sobre a cenografia teatral setecentista nos teatros luso-brasileiros (Lisbon International Press, 2019). Rosana é graduada em Canto Lírico pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Canto pela Manhattan School of Music de Nova Iorque (EUA), pós-graduada em Canto Lírico pela Royal Academy of Music de Londres (GBR), Mestre e Doutora em História Moderna e Contemporânea pela Université Sorbonne de Paris IV (FRA), Doutora em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa (PRT) e Pós-Doutora

pela mesma instituição. Paralelamente, Rosana Orsini se especializou na interpretação histórica da música antiga no Conservatório di San Pietro a Majella de Nápoles (ITA), sob a direção do Maestro Antonio Florio, e na interpretação *mozartiana* pelo Instituto Mozarteum de Salzburg (AUS), sob a direção da soprano Edda Moser. Apresentou-se para os Presidentes da República Portuguesa Aníbal Cavaco Silva e Marcelo Rebelo de Souza e para o Presidente da República Italiana Sergio Mattarella.

## MARCOS BALDINI



Iniciou seus estudos de Canto Erudito no Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos de Tatuí, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Angelina Colombo Ragazzi, sendo o primeiro sopranista a ingressar no curso de Canto desta instituição. Dentre seus Mestres de Canto e Interpretação da Música Barroca, destacam-se os professores Marius van Altena (Holanda), Jordi Savall (Espanha), Julia Gooding (Inglaterra), Pedro Couri Neto (MG) e Nicolau de Figueiredo (Schola Cantorum Basiliensi – Basileia/Suíça), o qual o classificou como um “legítimo cantor soprano masculino”. Participou de

*master classes* de cantores de renome internacional, destacando-se Andréia Kaiser (SP), Profª Dra. Ângela Barra (GO), Lício Bruno (SP), Laura de Souza (SP), Neide Thomas (PR), Profª Dra. Martha Herr (EUA/BRASIL), Karine Serafin (França), Rachel Insellman (EUA) e Suzie LeBlanc (Canadá). Na área de Regência Coral, participou de *master classes* e oficinas, tendo como orientadores: Beatriz Dokkedal (Campinas), Eduardo Laikhevits (RJ), Mara Campos (SP), Valéria Matos (RJ), Mário Robert Assef (RJ), Maria José Chevitarese (RJ) e Homero Ribeiro de Magalhães (professor de Canto Coral e diretor do coral do Conservatoire National de Région de Metz, de Paris). Paralelamente, desenvolveu um profundo aprimoramento técnico com a Profª Dra. Mariana Cioromila (Romênia). Em 2006, ganhou o 1º lugar no II Concurso de Canto realizado pelo CDMCC, além de ganhar o prêmio de Melhor Intérprete de Música Brasileira, tendo ao júri nomes consagrados do cenário musical brasileiro, entre eles a Profª Dra. Ângela Barra e os compositores Sérgio de Vasconcellos-Corrêa e Edmundo Villani-Côrtes. Em 2009, foi convidado pelo maestro Rodrigo de Carvalho para integrar o elenco da Ópera *Dido e Enéias*, de Henry Purcell, marcando a criação e inauguração do Departamento de Ópera do Conservatório de Tatuí, sob a direção cênica de Marcelo Cardoso Gama e atuando ao lado de renomados artistas, como Laura de Souza (soprano) e Leonardo Neiva (barítono). Em 2010, ministrou a Oficina de Canto Barroco, organizado pelo Centro de Artes e Letras no II Encontro de Musicologia e Performance da UFSM (RS), além da palestra “A prática vocal do período Barroco e História e características da atividade musical dos *castrati* na ópera dos séculos XVII e XVIII”. Em 2013, a convite do

Maestro Isaac Karabtchevsky, fez uma participação especial junto ao oratório *Die Schöpfung*, de Franz Joseph Haydn (1732 - 1809), interpretada na Sala São Paulo. Em 2014, a convite do Maestro João Maurício Galindo, participou do Concerto de Abertura das Comemorações do 60º aniversário do Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos” de Tatuí, interpretando a obra *Vespera Solennis de Confessore*, K.339, também na Sala São Paulo. É formado em Licenciatura em Música pela Universidade Metropolitana de Santos com pós-graduação em Docência no Ensino Superior. Também é formado em Canto Lírico e Regência Coral pelo Conservatório de Tatuí.

## FLAVIA ALBANO



A soprano Flavia Albano, natural de São Paulo, é detentora de uma carreira em franca ascensão e tem se apresentado como solista sob a batuta de importantes maestros e em diversos teatros dentro e fora do

Brasil. É mestre e especialista em *performance* pelo Royal Northern College of Music e habilitada em Artes Dramáticas pelo Teatro Escola Macunaíma. Entre seus papéis de ópera, destacam-se A Rainha da Noite (*Die Zauberflöte*), em diferentes produções; Violetta (*La Traviata*), sob regência de Mônica Giardini; Norina

(*Don Pasquale*), Imogene (*Il Pirata*) e Amina (*La Sonnambula*) nas Cortinas Líricas do Theatro São Pedro; Cunegonde (*Candide*) na Varna International Music Academy; Donna Anna (*Don Giovanni*) na Saluzzo Opera Academy e a Contessa di Folleville (*Il Viaggio a Reims*) sob regência de Emiliano Patarra. Em colaboração com orquestras, apresentou-se como solista em *Les Illuminations* (Britten), *Poèmes de l'amour et la mer* (Chausson), *Exultate Jubilate* (Mozart), os *Réquiens* de Mozart e Fauré, além de excertos de *Der Rosenkavalier*, como Sophie. Foi agraciada com o prêmio Liverpool Opera Circle Vocal Award 2010. Flavia também se dedica intensamente à docência: é Doutora em Educação pela PUC/SP, docente na graduação e pós-graduação profissional da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia e coordenadora do Laboratório de Ópera da UFBA.

## CECÍLIA MASSA



Cecília Massa é graduada em Música pela UNICAMP e integrou como solista o elenco estável do Theatro São Pedro, interpretando papéis como Beppe em *L'amico Fritz*, de Mascagni; Garcias em Don

Quichotte, de Massenet; Mlle Dangeville, em *Adriana Lecouvreur*, de Cilea; Sara em *Roberto Devereaux*, de Donizetti; Geltrude na estreia mundial da ópera

*Il Noce di Benevento*, de Balducci; e Angelina em *La Cenerentola*, de Rossini, sob a direção artística de Luis Fernando Malheiro. Participou de importantes festivais internacionais, como o Dartington International Summer School, na Inglaterra; da Bachkantaten Akademie, sob a direção de Helmuth Rilling, apresentando-se nas cidades de Weimar, Erfurt, Leipzig e Eisenach, na Alemanha; e da VI Semana de Música Barroca do Centre de Musique Baroque de Versailles em parceria com a Unirio, sob a direção de Benoît Dratwicky. Estreou no Theatro Municipal de São Paulo com a obra *Magnificat*, de Bach, e em *Der Rosenkavalier* (Modista), de Strauss, sob a direção musical de Roberto Minczuck. Em seu repertório de ópera também destacam-se papéis como Charlotte (*Werther*), de Massenet; Rosina (*Il Barbiere di Siviglia*), de Rossini; Ottavia (*L'incoronazione di Poppea*), de Monteverdi; Cherubino (*Le Nozze di Figaro*) e Sesto (*La Clemenza di Tito*), de Mozart. Foi solista em obras como o *Stabat Mater*, de Pergolesi, a *Missa em Dó Maior*, de Beethoven, e o *Requiem* de Mozart. Ofereceu recitais com as *Siete Canciones Populares*, de Manuel de Falla, e a *Alto Rhapsodie*, de J. Brahms. Atualmente, apresenta-se com um vasto repertório de ópera, concertos sinfônicos e música de câmara em diversas salas de concerto e teatros do Brasil.

## LUCIANO BOTELHO



Desde sua estreia no Teatro Amazonas, em 2001, no papel de Tamino em *A Flauta Mágica*, Luciano Botelho tem se dedicado a cantar ópera nos principais teatros do Brasil e do mundo, incluindo papéis como O Conde de Almaviva,

em *Barbeiro de Sevilha*, no Royal Opera House Covent Garden e no New National Theatre Tokyo; Elvino, em *La Sonnambula*, em Stuttgart Staatsoper e Frankfurt Oper; e Narciso, em *Il Turco em Italia*, na Sydney Opera House, Garsington Opera e no Teatro Municipal de Santiago. Nesta última temporada, Luciano aparece junto a concertos em Portugal com a Orquestra Gulbenkian e na Casa da Música no Porto, além da temporada como Rodolfo em *La Bohème*, na Inglaterra. É a partir dessa vivência com o espetáculo operático e da paixão pelo palco cênico que surgiu seu recente interesse em pesquisar o repertório do fim do século XIX e início do século XX e as trocas entre Brasil e Portugal, sendo atualmente doutorando em Musicologia Histórica na Universidade Nova de Lisboa, bolsista da FCT – complementando sua formação como Mestre em *Performance* pela Guildhall School of Music and Drama e Bacharel em Canto pela Universidade do Rio de Janeiro.

## ISAQUE OLIVEIRA



Vencedor do 3º prêmio masculino do Concurso de Canto Brasileiro Maria Callas nos anos 2019 e 2022, Isaque é bacharel em Canto Lírico pela Faculdade Cantareira. Participou dos coros Infantil, Juvenil e Acadêmico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, do Coral Jovem

do Estado de São Paulo, da Academia de Ópera do Theatro São Pedro, do Núcleo de Música Antiga da Escola Municipal de São Paulo e da Escola de Música do Estado de São Paulo – Tom Jobim. Paralelamente, atuou como flautista na Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo. Isaque tem desenvolvido uma promissora carreira como solista, tendo interpretado obras como a *Missa em Ré Maior*, de Dvořak, e, no campo da música antiga, a *Missa Brevis* de Mozart; o oratório *In Exitu Israel*, de Mondoville; a *Missa de Santa Cecília*, do Padre José Maurício Nunes Garcia e o *Oratório de Natal*, de Bach, na Sala São Paulo. Participou de produções das óperas *Gianni Schicchi* (Gianni Schicchi), de Puccini; *Die Zauberflöte* (Monostatos) e *Der Schauspieldirektor* (Buff), de Mozart; *Ba-ta-clan* (Ko-ko-ri-ko), de Offenbach, no Theatro São Pedro, e *Der Rosenkavalier* (Lacaio da Marechala e Kelner), de Richard Strauss, no Theatro Municipal de São Paulo. Isaque Oliveira também é reconhecido no campo da música contemporânea, tendo participado da estreia da ópera *La Chiave* (Angelo), de Carlos Moreno (2019), das *Três Canções Farmacológicas de Ninar*, de Matheus Bitondi (2015), *Ritmo Absoluto*, de Carlos dos Santos (2019) e *A Máquina Entreaberta*, de William Lentz (2020), esta última apresentada no Festival Amazonas de Ópera em 2021.

## ORQUESTRA SINFÔNICA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

Foi criada em 1985 para dar suporte à *performance* dos estudantes da área de Cordas Sinfônicas da instituição. O grupo é formado por professores e alunos bolsistas, dando a estes últimos a oportunidade de oferecer uma ampla experiência do repertório sinfônico e também uma antevisão de um possível ambiente de trabalho.

A Orquestra do Conservatório de Tatuí possui uma bagagem artística invejável. Recebe regularmente diversos regentes consagrados, como Roberto Tibiriçá, Felix Krieger, Abel Rocha, Aylton Escobar, Rodrigo de Carvalho e Gottfried Engels. Dentre os solistas, estão Arnaldo Cohen, Gilberto Tinetti, Alex Klein, Antonio Lauro Del Claro, Fabio Cury, Tatjana Vassiljeva, Rosana Lamosa, entre muitos outros. Em caráter pedagógico, a Orquestra também realiza uma série de concertos didáticos cujo objetivo é fomentar o contato com a música clássica, principalmente entre as crianças das escolas públicas.

Em 1996, a Orquestra excursionou em turnê por diferentes estados brasileiros por meio do projeto Banco do Brasil Musical. Nele, o grupo acompanhou músicos como Wagner Tiso, Egberto Gismonti e Arthur Moreira Lima no programa “Cenas Brasileiras”. Nesse mesmo ano, gravou dois CDs. O primeiro, em homenagem ao compositor Tom Jobim, e o segundo, denominado *Obras Brasileiras*, dedicado inteiramente a peças para saxofone e orquestra, tendo como solista o saxofonista norteamericano Dale Underwood.

A Orquestra do Conservatório de Tatuí, em 2011, tornou-se um dos grupos mais ativos da música clássica brasileira e vem conquistando cada vez mais espaço no cenário musical. Nas temporadas de 2011/2012, fez

dezenas de concertos e apresentações marcantes, como os da Sinfonia nº 9 em ré menor, op. 125, *Coral*, de L. van Beethoven, e da cantata cênica *Carmina Burana*, de Carl Orff – Esta última apresentada na série de concertos Tucça, na Sala São Paulo. Nesses mesmos anos, a Orquestra do Conservatório de Tatuí desenvolveu o projeto Música Orquestral Alemã, idealizado pelo renomado maestro Felix Krieger (regente convidado), cujo foco de atuação foi uma série de apresentações do alto repertório germânico em concertos no interior e na capital do Estado de São Paulo.

A orquestra vem, ainda, atuando de forma destacada junto ao Núcleo de Ópera do Conservatório de Tatuí. O grupo integrou as óperas *Dido e Enéas*, de Henry Purcell (2009); *La Serva Padrona*, de Giovanni Battista Pergolesi; *Orfeu no Inferno*, de Jacques Offenbach (2011); e *Orfeu e Eurídice*, de Christoph Willibald Gluck (2012).

## CORO DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

O Coro do Conservatório de Tatuí foi fundado em 1988; é formado por cerca de 30 alunos bolsistas e professores-monitores da instituição. O grupo oferece aos estudantes uma ampla experiência do ambiente profissional, voltada para a atividade coral. O Coro vem realizando apresentações importantes de repertório a *capella*, música brasileira, repertório sinfônico e óperas. Uma das características marcantes do grupo é o destaque dado à interpretação cênica das músicas.

Em 1990, o Coro estreou o espetáculo *Da Boca do Circo*, a primeira grande produção realizada pelo grupo. Posteriormente, montagens como a *Suíte dos Pescadores* e *Na Era da Rádio* fizeram grande sucesso em excursões pelo interior do Estado de

São Paulo. Além de repertório a *capella*, o Coro possui também vasta experiência com obras sinfônicas, caso de *Vésperas Solenes*, *Réquiem*, *Missa da Coroação e Te Deum*, de Mozart; *Réquiem*, de Fauré; “Missa em Sol”, de Schubert, entre outras.

O conjunto também se destaca pelo resgate e divulgação da música brasileira ao abordar obras de compositores como Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Osvaldo Lacerda, Edmundo Villani-Côrtes, Antonio Ribeiro, Ronaldo Miranda, entre outros. O Coro do Conservatório de Tatuí lançou seu primeiro CD, *Expressões*, no ano de 2001 e é o único bicampeão do Mapa Cultural Paulista – tendo vencido as edições de 2001/2002 e 2007/2008. Em 2011, junto com a Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí, apresentou a cantata cênica *Carmina Burana*, de Carl Orff, na série de concertos *Tucca*, na Sala São Paulo – projeto que foi reapresentado em 2013. Em 2012, no mesmo projeto, realizou a *Sinfonia nº 9 em ré menor, op. 125 – Coral*, de L. Beethoven, com espetáculos em três cidades do Estado de São Paulo.

Também nos últimos anos, o Coro vem se destacando em produções do Núcleo de Ópera do Conservatório de Tatuí. O grupo apresentou as óperas *Dido e Enéas*, de Henry Purcell (2009); *La Serva Padrona*, de Giovanni Battista Pergolesi; *Orfeu no Inferno*, de Jacques Offenbach (2011); e *Orfeu e Euridice*, de Christoph Willibald Gluck (2012). Em 2013, registrou apresentações com a Orquestra Sinfônica de Heliópolis, sob regência de Isaac Karabtchevsky. Em 2014, apresentou-se junto ao Coral Paulistano Mário de Andrade, além de realizar apresentações especiais, com destaque para o *Réquiem*, de Mozart, junto à Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí.

## FICHA TÉCNICA

### ORQUESTRA SINFÔNICA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

#### CORO DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

**EMMANUELE BALDINI** *Direção musical e regência*

**ROSANA MARRECO ORSINI BRESCIA** *Direção cênica e direção de arte*

**MARCOS BALDINI** *Regente titular do Coro*

#### Solistas

**FLAVIA ALBANO** *Inês*

**CECÍLIA MASSA** *Joana*

**LUCIANO BOTELHO** *Carlos*

**ISAQUE OLIVEIRA** *André*

#### Pianista correpetidor

**MATEUS ARAUJO**

#### Figuração

**LAVÍNIA GIRELLI BALDINI**

#### Equipe criativa

**GIORGIA MASSETANI** *Cenários*

**ROSANA MARRECO ORSINI BRESCIA & CRISTIAN LOURENÇO** *Figurinos*

**MARCELO SOUZA** *Desenho de luz*

**ALINE BARBOSA MARCELO** *Visagismo*

## ORQUESTRA SINFÔNICA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

EMMANUELE BALDINI **Regente titular**

RAFAEL PIRES **Regente assistente**

### Músicos

**Violino:** ABRAHAM PEREZ NARREA\*, BRUNA STOCK\*,ARTHUR MIRANDA\*, GIOVANA DE SOUZA LANDRIN, INGRID QUINTANA\*, JOÁS ERATE DOS SANTOS\*, LAÍS ERNANDES\*, LARAINY MELLO\*, SAMUEL FERRAZ\*, VINICIUS TORRES TRINDADE\*, WESLEY OLIVEIRA DA SILVA\*, CARLOS RIBEIRO\*, GABRIELA ANTULINI ARAÚJO\*, TIAGO DA SILVA CARVALHO JÚNIOR\*, NETTO RODRIGUES, JOSÉ ROQUE CORTESE, MOISÉS LAUTON, ABNER ANTUNES **Viola:** TARCIS OSTIANO SANTOS\*, ANDRÉ DE OLIVEIRA ROSÁRIO\*, ANA PAULA RODRIGUES SIMON\*, JONATHAN MARTINS DE ARAÚJO\*, WILLIAN CUNHA, JANAÍNA DE ALMEIDA, MARCOS FERREIRA **Violoncelo:** EVERSON ZATTONI\*, GIOVANNA CORTESE\*, LAÍS PAES\*, VINÍCIUS SILVEIRA\*, VYCTOR BUENO\*, TÚLIO PIRES **Contrabaixo:** DIEGO ALEJANDRO ZEGARRA CHAGUAYO\*, ANGÉLICA FAUSTINO\*, GILBERTO TOTTI BERMONTÉ JUNIOR\*, DAVID MUNERATTO **Flautas:** JONATHAN MORAIS\*, CAIQUE ALMEIDA\*, HUGO SALES RIBEIRO\* **Oboé:** ROBSON DE ARAÚJO\*, VALQUÍRIA PORCIÚNCULA **Clarinete:** CÉSAR AUGUSTO GARCEZ, LINDEMBERG CAVALCANTE FAGOTES DIOGO GOMES FERNANDES\*, RODRIGO JAIME CHOQUE QUISPE\* **Tímpano:** JEFERSON OLIVEIRA **Trompete:** LUCCA DE SOUZA\*, RAMON DIEGO\* **Trompa:** JULIO CESAR ROSA\*, RENAN AUGUSTO BERTINOTTI\*, WALENSON CLAYDMAN DA SILVA\*, ADRIANA SCAGLIONI LIMA **Trombone:** PAULO HENRIQUE FURQUIM PEREIRA\*, PAULO VINICIUS RIBEIRO DE ALMEIDA\*, KAIO POLISELLI\* **Tuba:** ALFREDO IGNACIO ACOSTA\* **Percussão:** TIAGO DE LIMA NERI\*  
Aluno Bolsista\* Aluno Convidado\*\*  
Músico Convidado\*\*\*

**Violonistas convidados:** CARLOS EDUARDO DE SOUZA BARBOSA, ANA LAURA, RAFAEL SANTOS, GISELE CAMARGO

**Violistas convidados:** ODAIR CARDOSO JR., GUSTAVO ANTUNES, HÍCARO FERREIRA

## CORO DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

MARCOS BALDINI **Regente e preparador vocal**

ELIDAMARIS CORTEZ **Pianista**

LUCIANE MOURA DE BARROS, MIRTES EMILIA LOMBA PAES E

SANDRO PIRES DA SILVA **Professores**

**Sopranos:** ANA LAURA THEOTONIO DE ALMEIDA, JHOANNA ALEJANDRA HIDALGO MORALES, JOELMA CRISTIANE RIBEIRO, VIVIANE CILENE SANT ANA E LUCIANE MOURA DE BARROS **Altos:** ARIAYDNER DE PAULA BISPO, MARIANA JUSTINO NASCIMENTO, SAMIRA DE OLIVEIRA, SARA DOS SANTOS GARCINDO E MIRTES EMILIA LOMBA PAES **Tenores:** ALEXANDRE ANTUNES RODRIGUES, DANIEL JUNIOR CORREIA DE SOUZA, MAICON PEREIRA JACINTO E TIAGO GONÇALVES CAMARGO **Baixos:** EDSON THIAGO CARDOSO, CLÁUDIO MANOEL DE OLIVEIRA E SANDRO PIRES DA SILVA

### FIGURINO

ROSANA MARRECO BRESCIA E CRISTIAN LOURENÇO **Concepção**  
CASA LOURENÇO **Confecção**  
CRISTIAN LOURENÇO, APARECIDA CORREIA E  
MARCILENE MÁXIMO **Equipe de costura**

### CENOGRAFIA

GIORGIA MASSETANI **Cenógrafa**  
ALÍCIO SILVA, CHARLES COUTEAU, LUCAS ROGER,  
MARIANNA MASCHIETTO, DANDHARA SHOYAMA,  
IGOR BRITTO GOMES E LEANDRO BRUNNO **Equipe de cenografia**

### VISAGISMO

ALINE BARBOSA MARCELO **Visagismo**  
SILVIO HENRIQUE MARCELO, LIDIANE BARBOSA MARCELO, FRANCIELE RODRIGUES, JENIFFER LEPORE DA SILVA E JEISE PROENÇA **Assistentes**

### ILUMINAÇÃO

MARCELO SOUZA **Desenho de luz**

### LIBRETO

CINTIA MACENA **Revisão**  
KELLY SATO **Projeto gráfico e diagramação**

## **GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**RODRIGO GARCIA** Governador do Estado

**SÉRGIO SÁ LEITÃO** Secretário de Cultura e Economia Criativa

**CLÁUDIA PEDROZO** Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa

**FREDERICO MASCARENHAS** Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa

**DENNIS ALEXANDRE RODRIGUES DE OLIVEIRA** Coordenador da Unidade de Formação Cultural – UFC

## **SUSTENIDOS ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA / EQUIPE COMPARTILHADA NO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**

**ALESSANDRA COSTA** Diretora Executiva

**RAFAEL SALIM BALASSIANO** Diretor Administrativo Financeiro

**CLAUDIA FREIXEDAS** Superintendente Educacional

**HELOISA GARCIA DA MOTA** Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing

**ALEXANDRE PICHOLARI** Assistente Artístico

**ANA CRISTINA CESAR LEITE** Gerente de Desenvolvimento de Pessoas

**ANA CRISTINA MEIRA COELHO MASCARENHAS** Gerente Financeira

**CAMILA SILVA** Gerente de Produção de Eventos

**LAURA RIBEIRO BRAGA** Gerente de Comunicação e Marketing

**LUIS CARLOS TRENTO** Gerente de Contabilidade

**MARINA FUNARI** Gerente de Relacionamento Institucional e Mobilização de Recursos

**RAFAEL MASSARO ANTUNES** Gerente de Logística/Patrimônio

**SUSANA CORDEIRO EMIDIO PEREIRA** Gerente de Suprimentos/Compras

### **Conselho de Administração**

**ANDRÉ ISNARD LEONARDI (Presidente), CLAUDIA CIARROCCHI, GILDEMAR OLIVEIRA, LUCIANA DE TOLEDO TEMER LULIA, MAGDA PUCCI, MONICA ROSENBERG (licenciada), VINÍCIUS CARVALHO E WELLINGTON DO C. M. DE ARAÚJO**

### **Conselho Consultivo**

**ELCA RUBINSTEIN (Presidente), ABIGAIL SILVESTRE TORRES, ADRIANA DO NASCIMENTO ARAÚJO MENDES, ANA MARIA WILHEIM, CELIA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS WHITAKER, DANIEL ANNENBERG, GABRIEL WHITAKER, LEONARDO MATRONE, LUIZ GUILHERME BROM, MARISA FORTUNATO, MELANIE FARKAS (in memoriam) E PAULA RACCANELLO STORTO**

### **Conselho Fiscal**

**BRUNO SCARINO DE MOURA ACCIOLY, DANIEL LEICAND E PAULA CERQUERA BONANNO**

## **CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**

**GILDEMAR DE OLIVEIRA** Gerente Geral

**ANTONIO SALVADOR** Gerente Artístico-Pedagógico de Artes Cênicas

**PEDRO PERSONE** Gerente Pedagógico de Música

**RENATO BANDEL** Gerente Artístico de Música

### **Coordenações Pedagógicas**

**JOÃO GERALDO ALVES** Área de Música Popular

**RAFAEL PELAES** Cursos de Cordas, Regência e Luteria (interino) e Sopros/Madeiras

**JULIANO MARQUES BARRETO** Cursos de Sopros/Metals e Polo São José do Rio Pardo

**TANIA TONUS** Matérias Teóricas

**ROSANA MASSUELA** Cursos de Violão Clássico, Acordeão Erudito, Canto Lírico e Área de Educação Musical

**FANNY DE SOUZA LIMA** Cursos de Piano Clássico, Harpa e Piano Colaborativo

**FERNANDA FERNANDES** Área de Artes Cênicas

**TULIO PIRES** Música de Câmara e Prática de Conjunto

**PEDRO PERSONE (interino)** Cursos de *Performance* Histórica

### **Relacionamento Institucional e Mobilização de Recursos**

**LUCIANA OLIVEIRA** Analista

### **Centro de Produção**

**ISABEL CRISTINA MEDEIROS ÁVILA** Supervisora de Produção de Eventos

**EDUARDO LEAL, RENATA BRUGNEROTTO E**

**WESLEY SALOMÃO SOARES** Produtores Culturais

**TAYLIN HEFZIBA DE OLIVEIRA** Produtora de Eventos Junior

**ROBERTO FELIPE FRANCO DE OLIVEIRA E**

**SAMUEL BRUNO DE MORAES** Assistentes de Produção

**FRANCISCO ALVES DOS SANTOS JÚNIOR** Inspeção de Grupos Artísticos

**ALICE DE FÁTIMA MARTINS** Bilheteria

**WALMIR SANTOS DIAS LOPES E ELINE RAMOS** Arquivistas

**MARCELO VIEIRA DE SOUZA** Iluminação e Sonorização

**GUILHERME DE MIRANDA RIBEIRO, RAFAEL MASCARENHAS DE MORAES,**

**REGINALDO PRESTES E VILMAR PEREIRA RIBAS** Montagem

### **Setor de Comunicação**

**SABRINA MAGALHÃES** Gerência

**THIAGO BRAGA** Analista de Mídias Sociais

**LENITA LERRI** Assistente de Comunicação



parceria:



patrocínio:



realização:



# A NOITE DE SÃO JOÃO de Elias Álvares Lobo

ÓPERA EM 1 ATO COM LIBRETO DE JOSÉ DE ALENCAR  
Reconstituição e orquestração de Mateus Araujo

Duração aproximada: 1h15

Classificação indicativa: Livre

1ª REAPRESENTAÇÃO

TEATRO PROCÓPIO FERREIRA, TATUÍ (SP)

6 E 7 DE DEZEMBRO DE 2022

1ª REPRESENTAÇÃO

THEATRO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, RIO DE JANEIRO (RJ)

14 DE DEZEMBRO DE 1860



[conservatoriodetatui.org.br](http://conservatoriodetatui.org.br)

 conservatoriotatui

 musicatatui

 conservatoriodetatui

 videosconservatorio

 conservatoriodetatui



A gravação completa do espetáculo  
será disponibilizada posteriormente  
no canal do Conservatório de Tatui  
[www.youtube.com/videosconservatorio](http://www.youtube.com/videosconservatorio)



